UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS
DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

JUSSARA DE OLIVEIRA RODRIGUES

**Cabo Verde em perspectiva feminina:
a produção literária em língua portuguesa de Ivone Aída e
Orlanda Amarílis**

(VERSÃO CORRIGIDA – O exemplar original está disponível no Centro de Apoio
à Pesquisa Histórica da FFLCH)

**SÃO PAULO
2012**

JUSSARA DE OLIVEIRA RODRIGUES

**Cabo Verde em perspectiva feminina:
a produção literária em língua portuguesa de Ivone Aída e
Orlanda Amarílis**

Dissertação apresentada ao
Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Mestre em Letras

Orientadora: Professora Doutora Simone
Caputo Gomes

VERSÃO CORRIGIDA

De acordo,

O exemplar original está disponível

No Centro de Apoio à Pesquisa

Histórica da FFLCH

**SÃO PAULO
2012**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Rodrigues, Jussara de Oliveira

Cabo Verde em perspectiva feminina: a produção literária em língua portuguesa de Ivone Aída e Orlanda Amarílis / Jussara de Oliveira Rodrigues ; orientadora Simone Caputo Gomes. - São Paulo, 2011.

84 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

1. Cabo Verde. 2. Mulheres. 3. Relações de gênero. 4. Esperança concreta. 5. Diáspora. I. Gomes, Simone Caputo, orient. II. Título.

R649c

FOLHA DE APROVAÇÃO

Jussara de Oliveira Rodrigues

Cabo Verde em perspectiva feminina: a produção literária em língua portuguesa de Ivone Aída e Orlanda Amarílis

Dissertação apresentada ao
Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Mestre em Letras

Aprovado em: ____ de _____ de ____

Banca examinadora:

Professor (a) Doutor (a): _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Professor (a) Doutor (a): _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Professor (a) Doutor (a): _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais: Wilson e
Raimunda pelo apoio
incondicional.

AGRADECIMENTOS

À querida Simone Caputo Gomes, pela orientação, pela confiança e principalmente pelos incentivos nos momentos mais difíceis, pois foram decisivos para minha permanência neste curso. Por toda sua paciência e dedicação a uma pesquisadora com dificuldades, mas com muita força de vontade para superá-las.

À Prof.^a Dr.^a Rejane Vecchia da Rocha e Silva, que desde o primeiro contato como aluna ouvinte na graduação, até o momento da banca de qualificação, contribuiu efetivamente em minha trajetória acadêmica.

Ao Prof. Dr. Mario César Lugarinho, pela leitura atenta de meu relatório de qualificação, pelas observações e sugestões pontuais para melhoria da minha pesquisa.

Ao Sr. Carlos Felipe Gonçalves, filho da escritora Ivone Aída, que atenciosamente, de Cabo Verde, enviou-me obras e concedeu-me uma entrevista on-line, esclarecendo diversas informações sobre a biografia da autora.

À minha família, pai e mãe por toda preocupação e palavras de apoio, às minhas irmãs Barbara e Marina, pelos constantes pedidos de silêncio e ausências em suas apresentações escolares.

Aos colegas Sônia, Lucinda, Pedro Manuel, Elisângela, Érica, Mauricio, Claudia, Juliana e Avani pelos livros, revisões e todos os momentos agradáveis que compartilhamos.

Aos companheiros da Associação Brasil SGI e ao Dr. Daisaku Ikeda, por todas as orientações e palavras de incentivo ao longo destes anos.

Às gestões administrativas das EMEIs: Breno Ferraz do Amaral, José Verissimo e Orígenes Lessa pela autorização dos afastamentos para participação em congressos e seminários.

Às queridas amigas: Renata Mascarenhas, Jaida, Patrícia Takegami, Daniela Nauheimer, Erica Milanao, Monalisa, Thatiany, Bruna e Nathalia pelos constantes diálogos e por compreenderem minha ausência.

Ao querido Rodrigo, por todas as tardes que passou ao meu lado dentro de bibliotecas, pelo ombro amigo nos momentos de dúvida e por não me deixar desistir no meio do caminho.

RESUMO

RODRIGUES. J. O. **CABO VERDE EM PERSPECTIVA FEMININA: A PRODUÇÃO LITERÁRIA EM LÍNGUA PORTUGUESA DE IVONE AÍDA E ORLANDA AMARÍLIS. 2011. 84 f. Dissertação** (Mestrado), FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Esta pesquisa analisa comparativamente as personagens femininas dos contos de Ivone Aída e Orlanda Amarílis. Ambas as autoras revelam particularidades do cotidiano feminino cabo-verdiano na ilha e na diáspora. Em consonância com o propósito da hermenêutica do cotidiano que procura registrar aspectos concretos da vida de todos os dias, de homens e mulheres, o caráter dinâmico do conto ilumina nas obras de Orlanda Amarílis e Ivone Aída a história cultural cabo-verdiana e as identidades sociais nela inseridas pelo viés do estudo das relações de gênero. Analisando a situação social feminina vigente em Cabo Verde, durante longo tempo sob o signo da resignação e da obediência, concluímos que as escritoras propõem que o futuro aguardado deve levar em conta o presente das experiências, movido pela esperança concreta que não se esgota em uma realização particular, mas estimula constantemente a ação das mulheres que constroem o seu porvir e o do país. Consideramos a esperança concreta, patente nos textos literários analisados, como um sentimento mobilizador de práticas transformadoras das condições opressoras da sociedade frente aos discursos fatalistas, ampliando a compreensão do real e permitindo visualizar-se de maneira antecipatória uma nova realidade, em prol da construção de novas identidades.

Palavras chaves: cotidianos femininos, arquipélago de Cabo Verde, diáspora, esperança concreta, identidades.

ABSTRACT

RODRIGUES. J. O. CABO VERDE EM PERSPECTIVA FEMININA: A PRODUÇÃO LITERÁRIA EM LÍNGUA PORTUGUESA DE IVONE AÍDA E ORLANDA AMARÍLIS. 2011. 84 f. Dissertação (Mestrado), FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

This research analyzes comparatively the feminine characters of Ivone Aída and Orlanda Amarílis' stories. Both authors expose particularities of daily Cape-Verdean women on the island and abroad. In harmony with the intention of the hermeneutics of daily activities intends to register concrete aspects of men and women's life, the story's dynamism illuminates the work of Orlanda Amarílis and Ivone Aída cultural cape-Verdean history and inserted the social identities for the bias of the gender relations study. The current female social situation in Cape-Verde, in the name of the resignation and obedience, we conclude that the writers proposal about waited future, must consider current experiences, moved by concrete hope that does not expire in a private achievement, but constantly stimulates the women's actions to build their future. We consider the concrete hope, in the analyzed literary texts, as an inspired feeling of transforming practices of the oppressor's conditions of society against the fatalistic speeches, to expand understanding of reality and allowing to see itself in a new reality, in order to build new identities.

Keywords: everyday female, archipelago of Cape-Verde, diaspora, concrete hope, identities.

SUMÁRIO

1. Considerações Introdutórias	10
 Capítulo 2- As personagens femininas nos contos de: Ivone Aída e Orlanda Amarílis	17
 2.1 O conto e sua alquimia secreta	17
 2.2 Pelo viés do cotidiano: a situação das mulheres cabo-verdianas no arquipélago e na diáspora portuguesa	29
 2.2.1 A ficção de Ivone Aída: A trajetória social das mulheres cabo-verdianas nas Ilhas	29
 2.2.2 O conto de Orlanda Amarílis: As mulheres cabo-verdianas na diáspora portuguesa	44
 Capítulo 3 - No fio da esperança constroem-se Identidades: a esperança concreta de Ernst Bloch	56
 4. Considerações Finais	76
 5. Referências Bibliográficas	81

1. Considerações introdutórias

Qualquer que seja a dificuldade, esforce-se pacientemente até obter resultados. Jamais perca a esperança. Saiba o tempo que está vivendo, saiba criar novos tempos e saiba esperar o tempo adequado. Com toda a certeza surgirá o tempo oportuno para a vitória.

Daisaku Ikeda

Ao tomar conhecimento das obras de Ivone Ramos no curso “A mulher (se) escreve (na) África”, ministrado pela Profa. Doutora Simone Caputo Gomes, percebemos que o texto literário coloca em foco fatos do cotidiano feminino cabo-verdiano que se assemelham aos registrados nos contos de sua irmã Orlanda Amarílis, que, no entanto, vive em Portugal. Sabemos que Orlanda já é uma autora consagrada pela crítica literária internacional, mas Ivone Ramos ainda é pouco estudada no meio acadêmico.

Interessa-nos dar visibilidade maior a uma autora que publicou três coletâneas de contos, foi premiada nacionalmente, contudo, não tem recebido o destaque consagrado à irmã escritora. Talvez este fato seja explicado porque sua literatura ainda não lançou voos supranacionais

As produções literárias de Ivone Aída Ramos e Orlanda Amarílis partilham com o leitor o conhecimento profundo de vários aspectos do cotidiano feminino cabo-verdiano, o que nos levará a tratar os textos selecionados para o *corpus* também como significativos para documentar a historicidade que as mulheres cabo-verdianas têm construído no arquipélago e na diáspora.

As irmãs Orlanda (1924) e Ivone (1926) viveram na época das grandes secas e fomes que assolaram muitas famílias cabo-verdianas; todavia, mesmo diante deste cenário mais estimulante das artes de sobrevivência do que das da cultura, seu pai, Armando Napoleão Roiz Fernandes, elaborou uma obra pioneira: **o Dicionário do Crioulo de Cabo Verde**.

Ivone Aida teve seu primeiro filho antes do casamento, com o primo Arnaldo, que por sua vez era filho do Sr. Roque da Silva Gonçalves, um homem muito culto, possuidor de uma grande biblioteca e com trânsito por todas as ilhas, como funcionário da Alfândega. O irmão de Arnaldo, o escritor António Aurélio

Gonçalves¹ (Nhô Roque, apelido em homenagem ao pai), foi um dos mais importantes escritores de Cabo Verde². Sem dúvida, como é fácil depreender, a literatura e a cultura pulsavam nas veias da família.

O dicionário citado foi construído à mão, com verbetes referentes a todas as ilhas de Cabo Verde, que iam sendo visitadas sempre que o pai das escritoras mudava de residência, devido ao trabalho. Composto por dois manuscritos e também uma gramática do crioulo (hoje “língua cabo-verdiana”), foi publicado por Ivone Aída em 1990 e prestigiado por um renomado linguista, o então Ministro da Cultura, Manuel Veiga.

Admiradora de poemas desde criança, Ivone Aída começou a produzi-los no ano de 1949, mas não os divulgou de imediato, fazendo-o mais tarde nas publicações da recém-criada a O.M.C. V (Organização das Mulheres de Cabo Verde). Ivone foi contemplada com o 1º Prémio dos Concursos Nacionais de Poesia, com os poemas “Ilhas” e “No Comício”, em 1976. Em 1982 recebeu uma Menção Honrosa no concurso de Natal, com o poema “Vislumbre”. Colaborou também com a revista *Mudjer* (1982), organizada pela O.M.C.V., que iniciou o processo de emancipação da mulher cabo-verdiana e sua carreira literária.

Por sua vez, comprometida com questões de igualdade social, emancipação da mulher e legitimação da literatura cabo-verdiana, mesmo vivendo na diáspora, Orlanda Amarílis fez parte do grupo da revista **Certeza**, publicação muito importante na vida cultural dos cabo-verdianos, consolidando-se como uma escritora de talento e prestígio, sobretudo como ficcionista.

Visto que as escritoras cabo-verdianas hoje estabeleceram seu espaço dentre os estudos literários, esta pesquisa buscará contribuir para a consolidação de mais um nome no cânone que, em Cabo Verde, começou a acolher a presença

1 Nascido em 25 de setembro de 1901 – 1984, no Mindelo, foi escritor, crítico, historiador e professor cabo-verdiano. Autor das obras: **Terra de Promissão**, **Noite de Vento** e **Recaída**.

2 Informações cedidas pelo Sr. Carlos Filipe Gonçalves, filho mais velho de Ivone Aida, jornalista, autor da obra **“Kab Verd Band”** sobre a música cabo-verdiana (250 páginas A4 mais de 100 ilustrações fotos históricas) e de centenas de artigos e comentários sobre a música de Cabo Verde espalhados pela imprensa. atualmente é diretor da Rádio Comercial em Cabo Verde.

feminina nos anos noventa do século vinte, com o apreço à obra de Orlanda Amarílis.

A maneira como tratam os temas voltados às questões da memória, do cotidiano e da diáspora cabo-verdiana são recorrentes nas obras das duas autoras, denotando “experiências vividas” (como teoriza Maria Odila Leite Dias, 1994, p. 374) e inscritas socialmente pelas mulheres cabo-verdianas.

Apesar de escreverem sobre temas semelhantes e se situarem no mesmo espaço de pertencimento, Cabo Verde, as autoras imprimem na construção de suas personagens femininas elementos pertinentes às suas vivências, ora insulares, ora na diáspora portuguesa.

Perguntamo-nos o que diferencia, por vezes, as representações das mulheres no relato do cotidiano feminino, se as escritoras são ambas cabo-verdianas, da mesma família e formação? Certamente, a relação com o contexto (no caso de Orlanda, o espaço de acolhimento, Portugal) como um dos estruturantes do texto literário, como propõe Antônio Candido em **Literatura e sociedade** (2000), e a situação social das mulheres nos respectivos contextos, serão fatores decisivos para forjar as experiências dos sujeitos femininos representados nos contos.

No primeiro capítulo abordaremos a questão da escolha do gênero textual “conto” pelas autoras. Júlio Cortázar, em **Valise de Cronópio** (1993, p.154), afirma que o bom conto leva o leitor à interação, transformando-o, e acrescenta que o trabalho de condensar o tempo e espaço realizado pelo contista exige extrema sensibilidade e compreensão da realidade que deseja criar e que seja compreendida:

Os contos inesquecíveis são aglutinantes de uma realidade infinitamente mais vasta que a do seu mero argumento, e por isso influíram em nós com uma força que nos faria suspeitar da modéstia do seu conteúdo aparente, da brevidade do seu texto [...] essa fabulosa abertura do pequeno para o grande, do individual e circunscrito para a essência mesma da condição humana. [...] “a significação é determinada por algo que está antes (escritor com carga de valores humanos e literários) e depois (tratamento literário do tema) do tema”. (CORTÁZAR, 1993, p. 155)

Além de permitir um recorte momentâneo da realidade, o conto interfere nas percepções do leitor. Nádia Batella Gotlib, em **Teoria do conto** (2006),

convoca o leitor a refletir sobre a voz que narra o texto, destacando que tanto as contadoras de histórias quanto as narradoras e escritoras possuem a magia de intencionalmente conduzir o leitor a determinadas sensações. A intensidade como o autor trata seu tema é o fator que lhe permitirá surpreender o leitor:

A voz do contador, seja oral, ou seja, escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo como se conta – entonação de voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões -, que é passível de ser elaborado pelo contador, neste trabalho de conquistar e manter a atenção do seu auditório. (GOTLIB, 2006, p. 13)

Desta forma, no primeiro momento, compreendemos que as narrativas das autoras nos apresentam imagens do cotidiano transfiguradas pelo imaginário literário, como fotogramas que retratam o tempo e espaço numa intensidade objetiva. O conto ilumina as práticas cotidianas e essas nos permitem identificar uma nova história, escrita por mãos femininas no ser e estar de seus anseios.

No segundo capítulo, buscaremos traçar um panorama comparativo da situação social das mulheres cabo-verdianas na ilha e na diáspora. Estes são os grandes temas da ficção de Amarilis e Ramos. Movidas pela necessidade de lutar por sua sobrevivência e de sua família ou de buscar novos conhecimentos intelectuais e ascensão profissional, muitas mulheres cabo-verdianas partem para a diáspora, porém o afastamento da ilha de origem geralmente lhes causa grande sentimento de solidão e nostalgia. Leila Leite Hernandez assim expõe este “exílio”, às vezes por coação social, dos cabo-verdianos e cabo-verdianas:

A precariedade da vida econômica e a extrema pobreza, a fome e alta mortalidade, acentuadas nas épocas das secas, pragas e epidemias, expulsam amplos setores da sociedade para fora do arquipélago. **O que se busca, tanto nos deslocamentos interilhas como para outros continentes, é alterar uma situação que se mostra permanente e inviável. A aspiração básica do emigrante é lutar por sua sobrevivência e a de sua família para, num segundo momento, poder criar melhores condições de vida.** Nesse sentido, o emigrante equaciona possibilidades de trabalho, levando em conta suas aspirações referentes à estabilidade do emprego, ao nível e à regularidade de remuneração e as possibilidades de ascensão profissional. É importante frisar que a saída de cabo-verdianos do arquipélago, em certo sentido, não pode ser considerada espontânea, pois mesmo que não se refira a constrangimentos institucionais, é causada por alto grau de dificuldade econômica. É assim, desde o primeiro grupo do qual se tem registro, que nos últimos dez anos do século XIX parte da ilha de Brava, em navios baleeiros, com destino aos Estados Unidos. De lá até os nossos dias, a emigração não para de crescer (HERNANDEZ, 2002, p. 104, grifos nossos).

Segundo Marzia Grassi, em **Gênero e Migrações Cabo-Verdianas (2007)**, a pertinência do gênero na compreensão da cultura cabo-verdiana prende-se grandemente à posição que a mulher assume na estrutura familiar daquela sociedade, que lhe atribui à responsabilidade do sustento e da reprodução dos filhos e agregados.

Assim, as mulheres imigrantes de origem cabo-verdiana carregam consigo para as terras de acolhimento (ou “ilhas” de acolhimento) essa responsabilidade, com a qual se auto identificam e que estrutura as relações sociais naqueles contextos. Podemos considerar toda a história de abandono do arquipélago pela administração colonial, as secas longas, contínuas e a necessidade de repovoamento das ilhas como justificativa desta constante necessidade de movimento dos cabo-verdianos, também encarada como esperança concreta e sonho de uma realização positiva.

Grassi (2007, p. 55-56) ressalta ainda que

a emigração feminina de Cabo Verde não pode ser lida exclusivamente como um fator emancipatório, sendo, pelo contrário, susceptível de riscos acrescidos nos lugares de acolhimento em relação aos perigos que a mesma discriminação assume no arquipélago, onde certas formas de solidariedade primária ainda funcionam em termos de proteção social. Esta parece diluir-se grandemente nos lugares da diáspora, onde a solidariedade se atenua.

Dessa forma, parece-nos fundamental ao desenvolvimento de nossa pesquisa examinar como os textos literários femininos selecionados para o corpus representam as experiências cotidianas femininas, ora na diáspora, ora no arquipélago. Rachel Soihet, no ensaio **“História, mulheres, gênero: contribuições para um debate”**, reflete sobre a historicidade das mulheres, que deve ser apreendida a partir de uma hermenêutica de seus cotidianos nas sociedades em que se inserem:

O conhecimento histórico torna-se relativo, tanto a uma determinada época do passado, quanto a uma dada situação do historiador no tempo, o qual procura interpretar os processos de mudança através de um conhecimento dialético. Tal panorama torna mais factível a integração da experiência social das mulheres na história, já que sua trama se tece basicamente a partir do cotidiano, e não a partir de pressupostos rígidos e de grandes marcos. (SOIHET apud Silva Dias, 1992, p. 43-44)

Na contemporaneidade, os estudos das relações de gênero caminham no sentido de documentar as diferenças culturais, ou seja, o pós-feminismo trabalha

com a categoria “diferença”, ultrapassando as primeiras propostas femininas da “igualdade”. Maria Odila Leite da Silva Dias em **Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças**, realiza um levantamento filosófico e sociológico desta trajetória da relação de gêneros a partir daquela categoria teórica. As oposições redutoras serão também questionadas (feminino/masculino, natureza/cultura, privado/público), no sentido de operar não mais a exclusão e a discriminação, mas a inclusão, numa perspectiva compartilhada da relação de gêneros. Esta perspectiva contemporânea dos estudos de gênero, embasada na hermenêutica dos cotidianos femininos, parece-nos rentável para a leitura dos contos de Ivone Ramos e Orlanda Amarílis.

No terceiro e último capítulo, observaremos o quanto a relação entre esperança concreta e instâncias utopia, sonho e desejo potencializam nos sujeitos femininos projeções que surgem a partir de suas experiências reais, como a construção de projetos de emancipação das mulheres a partir do seu cotidiano. O professor Antonio Rufino Vieira, em seu artigo **Princípio Esperança e a Herança Intacta do Marxismo em Ernst Bloch**, esclarece que:

Segundo Bloch, a esperança é algo tipicamente humano, pois permite que o homem transcenda o real ao superá-lo. [...] A análise dos princípios originários da esperança permite-nos compreender que ela é constitutiva do ser humano, não como uma espécie de essência abstrata, mas sim **acontecendo na prática social daqueles que buscam modificar o estado de coisa vigente. Assim, a esperança concreta é fundada na realidade humana, sem, contudo, negar as contradições que pertencem à própria condição histórica do homem. Este é o conteúdo ético da utopia** (VIEIRA, 2000, p. 7, grifos nossos).

Ademais, se refletirmos, com Stuart Hall (**A identidade cultural na pós-modernidade**, 2006) sobre a construção das identidades (no caso, aqui, as femininas), podemos afirmar que elas são definidas historicamente, e não biologicamente, o que permite aos sujeitos assumir identidades diferentes em diferentes momentos. E quando sonham com a transformação de sua realidade, movem-se, com pequenas ações no cotidiano, em direção a este novo amanhecer.

Como considerações finais, torna-se evidente, na produção das duas autoras, a predominância do tema voltado para questões concernentes às mulheres na sociedade das ilhas e na diáspora cabo-verdianas. Assim, esta

pesquisa objetivará, por meio de um recorte da situação social e das práticas das personagens femininas nas obras selecionadas, realizar uma análise comparativa que possa demonstrar, através de seus cotidianos, como as identidades das mulheres se manifestam tanto na produção de uma autora que escreve na diáspora (Orlanda Amarílis) quanto no discurso de quem escreve com os pés fincados nas ilhas de Cabo Verde (Ivone Aída).

O estudo das formas como as escritoras vivenciam Cabo Verde, no arquipélago ou na diáspora, em consonância com aspectos identitários expressos nas particularidades do cotidiano feminino das autoras que impactam a construção das suas personagens femininas, permitirá darmos visibilidade a algumas questões de relevância para a valorização da prática das mulheres na construção do processo histórico e literário cabo-verdiano.

2. As personagens femininas de Ivone Aída e Orlanda Amarílis

Um bom conto é incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases.

Julio Cortázar

2.1 O conto e sua alquimia secreta

Os contos do *corpus* literário recortado para análise nesta pesquisa revelam o cotidiano feminino em Cabo Verde e na diáspora, apontando a situação social das mulheres em suas experiências de vida. A escolha deste gênero textual permite às autoras desenharem um retrato ficcional da realidade observada pela perspectiva do gênero, imprimindo nos textos seus valores humanos e literários em cada tema que tratam.

Buscaremos aqui demonstrar como a teoria da Hermenêutica do Cotidiano possibilita focalizar e iluminar os papéis informais (DIAS, 1994, p.380) desempenhados pelos sujeitos femininos e associada à vitalidade do conto, colaborar precisamente com o registro do cotidiano pelas narrativas, pois, como afirma Cortázar, o conto se move no plano do homem, onde a vida e a expressão escrita dessa travam uma batalha fraternal e o resultado é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo em que é vida sintetizada (CORTÁZAR, 2008, p.150).

A fragmentação das teorias acerca das normas que regem o conto nos impede de conferir um pensamento sólido e representativo sobre o gênero, contudo a presente análise valorizará características como a brevidade, a intensidade e a velocidade que o conto confere ao texto. O conto seria um modo moderno de narrar, afirma Nádia Battella Gotlib (2006, p.55), caracterizado por seu teor fragmentário, de ruptura com o princípio da continuidade lógica, tentando consagrar este instante temporário. Luiz Carlos Santos Simon em seu artigo **O conto e o pós-modernismo: recorte, velocidade e intensidade**², cita Charles

2

http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.20.N.1_2007_ARTIGOSWEB/LuizCarlosSantosSimon_O-CONTO-E-O-POS-MODERNISMO_Vol20-N1_Art07.pdf. Acessado em 09/10/2011 às 13h20minhs.

E. May (1984:329), no artigo “The Nature of Knowledge in Short Fiction”: “A natureza lírica do conto é explicada por Lukács pelo fato de que os contos lidam com fragmentos da vida”. Simon continua:

Visto por este ângulo, o conto se distancia de sua filiação à narrativa, uma vez que seu traço mais significativo seria a concentração em um momento e não mais a articulação de um episódio com anteriores e os subseqüentes. Daí resultaria o caráter lírico emergente da força do fragmento. (2007, p.10)

Torna-se pertinente pensar que o interior do conto pode abrigar temáticas que reflitam a realidade, e no caso de nossa análise, contribuir para mostrar a diversidade e fluidez das relações de gênero e dos conceitos relativos aos papéis femininos tidos como universais (DIAS, 1984, p.374). Júlio Cortázar, em **Valise de Cronópio** equipara o trabalho do contista com o de um fotógrafo, pois ambos possuem a liberdade de delimitar o tema que desejam enfatizar ao leitor, recortando a imagem ou acontecimento que mais lhe favoreça.

“o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam *significativos*, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto”. (2008, p.151)

O caráter dinâmico do conto em consonância com o propósito da hermenêutica do cotidiano que procura historicizar aspectos concretos da vida de todos os dias dos seres humanos - homens e mulheres - em sociedade (DIAS, 1984, p.374), iluminam nas obras de Orlanda Amarílis e Ivone Aída a história cultural cabo-verdiana e as identidades sociais nela inseridas pelo viés do estudo das relações de gênero.

Por meio do discurso literário as autoras denunciam os mecanismos de submissão e resistência operados pelas mulheres no seu dia a dia, a fim de transpor as amarras da ordem patriarcal que conduz a sociedade cabo-verdiana desde o colonialismo. Contudo, a maneira como cada uma escreve produz um impacto diferente no leitor. Ivone Aída nos traz uma composição mais espontânea, sem artifícios artesanais de escrita, construindo a imagem de uso da língua portuguesa mais próximo da oralidade. Os textos de Orlanda são mais intensos, desvendando aos poucos o que conta, como uma fotografia na mente do leitor, numa tensão crescente para um desfecho já premeditado.

Simone Caputo Gomes, (2008, p.161) enfatiza a importância do papel das mulheres na sociedade crioula de transmissoras da cultura, pois “são elas que se ocupam da educação das crianças na época da aquisição da linguagem e da língua: através delas se dá a transmissão de uma série de práticas e comportamentos: as tradições da comunidade, os costumes, a religião, as crenças, a culinária e a música”. Logo, essa tradição opera no sentido de dar centralidade às mulheres na composição das famílias, que vai sendo reforçada pelas redes femininas familiares entre as casas e entre as gerações que se estruturam cotidianamente.

A dinâmica familiar em Cabo Verde tem a casa como a unidade central associada à mulher e às crianças, sendo comum a ausência física do homem e o seu distanciamento nos cuidados com os filhos, o que nos remete a uma aparente ambiguidade essencialmente patriarcal, mas com fortes características de matricentralidade no âmbito familiar. Mesmo as mulheres que vivem em fluxos migratórios influenciam as transformações que vêm ocorrendo na organização familiar cabo-verdiana.

A fim de darmos visibilidade às subjetividades femininas nos referidos contextos da produção de cada autora, sendo o espaço privado o nosso foco principal, inicialmente observaremos como são descritos os cotidianos das personagens femininas no papel de mães, seja na ilha ou na diáspora.

Vejamos em “Zinda ó Grogue nha Sina”, da coletânea **Vidas Vivas** (1990) que se inicia com um mote, anuncia a desilusão e a solidão como temas do conto. A personagem Nha Tuda, vendedora de cuscuz e rebuçados, é mãe zelosa e temente a Nossa Senhora da Luz. O cotidiano de Tuda gira em torno das vendas e da tristeza em ver o filho afogar-se em grogue todos os dias. Mãe/esposa abandonada pelo marido trabalha “*estafadamente*” para sustentar o filho.

Nunca mais Totoi dera notícias e nascera Jôn, filho sem pai e de mãe vendedeira de cuscus, açucrinha e pirinha das ilhas. A mãe aspirava para aquele filho algo melhor do que aquela vida de sacrifício. Levantava-se bem de madrugada, com o pau no pilão, e bate que bate, o cuscus fofinho, quente com canela e açúcar, preferido por todos. Na loja de Pudjin, fornecia-se de tudo para o seu negócio, e era vê-la de balaio à cabeça a passos largos, pano atado na cintura, um aventalão de dril com grandes algibeiras. (AÍDA, 1990, p. 35)

Podemos observar na personagem o estereótipo da mãe protetora, aquela que perpetua a tradição e fiscaliza o seu cumprimento, inferiorizando seus desejos como mulher, ou seja, submissa a um cotidiano patriarcal que impõe o trabalho doméstico e a maternidade como atribuições femininas incontornáveis. Nha Tuda representa as mulheres que ficam na ilha após os maridos partirem em busca de melhores condições de vida e esquecê-las definitivamente, por vezes até construindo outras famílias.

Além de enfrentar a difícil fronteira da subordinação vivida pelas mulheres no cotidiano em relação aos homens, observamos o temor à figura divina de Nha Tuda, que por sinal também está presente na imagem masculina do padre. Mesmo sendo devota fiel de Nossa Senhora da Luz, o filho Jôn continua entregue ao grogue por desilusão ao amor não correspondido pela cantora Zinda e ela temia a ideia de levá-lo ao Centro (espírita), contrariando os ensinamentos da igreja.

A comadre Tereza aconselhou:

-Cmad Tuda, bocê deve levar o Jôn para o Centro, ele agora começou a beber, isso é má assistência (cmad), e se você não o levar agora, ele pode ficar avassalado.

- Oh (cmad) Tereza, tudo menos centro. Se Senhor padre vem, a saber, você já pensou? Você sabe que Senhor S. São Vicente é o padrinho de Jôn e foi você mesma quem o levou a baptisar, já se esqueceu (cmad) Tereza?

- Eu não me esqueci, só que naquele tempo eu não era esclarecida, mas hoje... (idem, p.38)

O diálogo entre as personagens reflete a vida real, aproximando-se de um “tagarelar” típico de mulheres cabo-verdianas, que com graça, designa-se na fala crioula por “papiar” (SANTILLI, 2007, p. 69). Ivone Aída tece o conto provocando no leitor a impressão de que é íntimo aos personagens, quase um confidente sentado em sua sala de visitas. Este efeito é favorecido pela escolha do gênero, pois “o ritmo da narrativa é tão adequado ao ritmo dos acontecimentos, que sua economia (de palavras) não é uma questão de obrigatória brevidade, mas sim de perfeita coerência entre duração e intensidade” (CORTÁZAR, 2008, p. 125).

Certamente, a atitude insegura de Nha Tuda sobre suas crenças atribui-se à composição híbrida de sua cultura que desliza entre a religião católica, institucionalizada desde a colonização, e as religiões africanas. Como mediadoras

da cultura que se perpetuará na sociedade crioula as escolhas das mulheres, sejam religiosas, morais, educacionais e até políticas, forjam a personalidade de seus filhos, enteados e netos na construção da identidade nacional.

Michel de Certeau, em **A invenção do cotidiano: artes de fazer** (2011, p.84), tratando das culturas populares, expõe que os contos se desdobram, como os jogos específicos de cada sociedade, num espaço diferenciado do maravilhoso, do passado, das origens, dos gestos bons ou maus utilizáveis a cada dia. Logo, Ivone aponta ao leitor na resposta da *cmad* Tereza para abertura novos horizontes demonstrando a valorização da cultura africana, de suas crenças espirituais em pé de igualdade com a religião católica, trabalhando no espaço da consciência coletiva sobre uma reflexão quanto ao ponto de vista hegemônico.

A personagem Nha Tuda representa o perfil da mulher mãe, mas também da mulher que ultrapassa a mentalidade doméstica e projeta um futuro promissor para o filho, buscando conscientizá-lo que não deve entregar sua vida ao simples amor por uma mulher, exercendo seu papel de conselheira e transmissora de valores no que diz respeito à aquisição de ideias referentes à informação, cultura letrada:

Foi andando e pensando no filho que não estudava. Se pudesse, dar-lhe-ia um curso; - sim, doutor como o senhor Daniel ou como o doutor Juiz e sorria ante esta ideia – ter um filho doutor (idem, p. 36).

(...)

- Jôn, meu filho, há outras Zindas, há outras esperanças e tens-me a mim tua mãe...
- Perdão mãe, tu não me basta, tu és mãe, o teu amor é outro.
- Eu preciso, é do amor de Zinda, só o seu amor me bastará, me matará esta sede infernal que eu tento saciar com o maldito grogue, e Zinda foi para ter a longe, agora sinto que posso morrer, porque não posso viver sem Zinda, sem ouvir a voz dela cantando, Nhô Mané Valentim. Vou ao meu grogue, mamãe. Agora é ele a minha sina (idem, p.42-43).

Vemos que a imagem de Nha Tuda interpretada pelo senso comum é de mãe, chefe de família que enfrenta a batalha diária com coragem, porém, aos olhos do filho, seu amor de mãe é insuficiente. O apoio, o cuidado, a dedicação materna jamais supririam a carência afetiva do filho por sua amada Zinda. Jôn representa o lado frágil masculino, que ama sem ser amado e torna-se dependente de uma relação que nem existiu. Já Zinda contrariando o estereótipo

feminino passivo, representa a coragem, a força, a superioridade da mulher que adentra o espaço público, reprimindo o privado, que se recusa a aceitar um romance com Jôn e ter uma vida doméstica dedicada à maternidade e ao lar.

Jôn Bóca Máfe continuava apaixonado por Zinda, mas não era correspondido. De mãos nos bolsos, saía de casa e ia espreitar no botequim de Nha Lisa. Lá estava ela, a sua amada, a Zinda, de mãos nas ancas, cantando de cabeça erguida, olhando o acaso, sorrindo para os fregueses com os seus dentes alvos. Um sorriso bonito, que lhe vincava as faces em duas covinhas deliciosas. Seus lábios eram duma frescura, duma sensibilidade e Jôn preso daquele encanto quase enlouquecia. Zinda jamais olhava para ele, não lhe passava cartão como se costuma dizer, daí ele se embebedar para ter mais coragem. Uma coragem que o punha a ridículo. Acabava sempre por se tornar agressivo e insolente (idem, p. 39).

(...)

- Que tal vai ela mamãe?
- Quem, Zinda do botequim de nha Lisa?
- Essa mesma, mamãe.
- Ela embarcou, foi para Itália (idem, p.41).

De certa maneira Ivone leva o leitor a uma reflexão sobre a inversão de papéis de gênero face aos espaços público e privado e aos estereótipos atribuídos: mulher frágil e homem forte. Apresenta a mulher “moderna” que reflete sobre os valores masculinos, pensa, age, trabalha, cria como os homens; ao invés de procurar diminuí-los. (BEAUVOIR, 1980, p.487). Ao contrário da maioria das mulheres que são abandonadas pelos maridos que partem pela emigração, neste caso é a mulher que parte para a diáspora e o homem que chora, sofre e sucumbe sem a sua presença.

Jôn representa o oposto da personalidade de seu pai, que parte sem avisar e não se condiciona como representante do estereótipo masculino dominante no arquipélago. O personagem leva-nos a ir ao encontro do que propõe Gomes (2008, p. 224), que a escritura literária feminina possibilita mudanças no modo de apreensão do masculino, delineando um novo horizonte de relações.

Nha Tuda sacrificava-se, para manter o seu filho Jôn, o seu único filho. O pai, já nem se lembrava dele. Quando João estava para nascer, ele embarcou; para onde, não sabia. Desaparecera numa noite escura, tinha ido clandestinamente, num barco grego e nunca mais soube notícias. Houve quem dissesse que os Gregos o tinham atirado no mar. Aqueles maus, diziam, não gostavam de clandestinos a bordo, e atiravam-nos borda fora para servirem de comida aos tubarões (idem, p.35).

De maneira peculiar Ivone Aída discute vários subtemas neste conto, dentre eles o sentimento de solidão representado nas mulheres cabo-verdianas ilhoas, do povo, que trabalham e criam e transmitem cultura; de mulheres independentes, seguras, sensuais e públicas que partem em busca de seus objetivos; a emigração; a fragilidade masculina diante do amor; o sincretismo religioso (entre o catolicismo e espiritismo); e os papéis informais assumidos pelas mulheres para o sustento das famílias.

No conto “Canal Gelado”, de Orlanda Amarílis, pertencente à coletânea **Ilhéu dos Pássaros** (1983), identificamos aspectos distintos da vida da mulher cabo-verdiana que vive na ilha antes da independência do país. Observamos, em princípio, uma voz narrativa feminina, em terceira pessoa, no tempo presente, ao lado de outro foco narrativo, no tempo passado, que relata o cotidiano no Canal. O texto de Orlanda é tão coeso que o leitor deve manter-se atento às mudanças de foco narrativo, pois em uma primeira e rápida leitura tem-se a impressão de que há apenas um narrador onisciente.

Assim, inscrevendo a diversidade do olhar sobre as mulheres cabo-verdianas, Orlanda, por meio do conto, vai externando as diferenças e semelhanças entre o sentimento das mulheres que vive nas ilhas e daquelas que emigram, quando chama a atenção do leitor para as práticas sociais femininas e a força da oralidade na fala dos personagens. Evidentemente detectamos que as raízes culturais permanecem em cada sujeito feminino, independentemente de onde seus pés pisam.

Harmoniosamente, Orlanda inicia o conto descrevendo o cotidiano do Canal como tranquilo e de circulação apenas dos moradores que trabalham na Companhia de Carvão. Estes saem pela manhã e ao retornarem, à “tardinha”, param no botequim do Freitas para tomar um “groguinho” e uma “gemada”. Na esquina vendia-se “sucrinha, doce de leite, rebuçados e mancarra”, comprados para comer à “noitinha” nos bancos da praça. As casas, semelhantes, “tinham uma porta e uma janela”. (AMARÍLIS, 1983, p.71)

Observamos no decorrer do conto que a prática dos habitantes do Canal demonstra o que Michel de Certeau (1996, p.80) descreve como uma “osmose social que induz chegando mesmo a certa uniformização dos comportamentos” dos moradores.

O cotidiano da personagem nha Quinha, moradora do canal, dividia-se entre os afazeres domésticos, a venda de Cimbrão e tamarindo ao pé da porta, “sentada num caixote à espera de fregueses” e os cuidados com o filho Lela acometido por uma tuberculose.

Nha Quinha cerrou a porta e voltou a sentar-se no caixote. Mal se sentara levantou-se e foi buscar uma vassoura sem cabo, feita de palha de não sei quê e começou a varrer.

“Podias tomar agora um chazinho de casca de laranja Lela”! Puxou o lenço para a testa (AMARÍLIS, 1983, p. 70).

Sabe-se apenas que Nha Quinha é uma anciã e não tem marido, mas não demonstra lamentação pela vida miserável que leva no Canal, parece conformada com a luta diária no tratamento do filho, aparenta certa inocência quanto à gravidade da doença dele, acreditando que um passeio à ilha vizinha poderia fazer-lhe bem.

Lela tossiu, cuspiu no chão e ficou de lado a gemer baixinho. De vez em quando sentia falta de ar. Tinha de se sentar no catre. A mãe esfregava lhe as costas ou dava-lhe uma colher de água de açúcar. “Quando melhorares vais pô Santo Antão mudar de ares, nha fidje” (Idem, p. 72).

Pela descrição, percebemos que o filho Lela já é adulto, pois possui uma “barbona preta e frisadinha” e está num estágio avançado de sua doença, permanecendo o tempo todo deitado no catre. Ele não demonstra nenhuma atitude de revolta pela situação ou de desejo em superar a doença, a impressão que o personagem passa ao leitor é que espera pacientemente a hora da morte:

Nha Quinha trouxe o chá numa canequinha de folha de estanho. “Toma Lela, toma”.

Lela queria estar sossegado com a sua dor no peito. Se fosse um caldinho quente. Chá de casca de laranja! Cuspiu no chão ao lado do catre, agarrou num manduco e fez desaparecer o escarro no chão térreo, esfregando-o para trás e para diante. Do escarro apenas ficou uma mancha húmida ao pé do catre (Idem, p.71).

Orlanda, por intermédio da narração, traz neste conto o olhar de quem está fora do arquipélago de Cabo Verde, na diáspora. O diálogo entre a narradora e a personagem Ludja, que traz notícias de São Vicente, demonstra certa distância de tempo e espaço entre o cotidiano do Canal e a realidade das duas mulheres. Contudo, os sentimentos de pertença e nostalgia são manifestados pela narradora, “o ar quente da tardinha lembrou-me a correnteza de ar do Canal

Gelado” (Idem, p.72), afirmando a característica de Orlanda em retratar nos seus contos a situação de mulheres que partem, mas mantêm em seu coração os valores de identificação essenciais com seu povo.

Em contraste com nha Quinha temos a mãe da personagem Mandinha, toda “mansa, o falar, o andar, os gestos” (AMARÍLIS, 1983, p.74). Todos os dias ao ir para escola Mandinha passava pelo Canal Gelado para comprar Cimbrão na porta de nha Quinha. Este núcleo familiar, também chefiado por uma mulher, não abandonada pelo marido, mas viúva que criava a filha dentro da nova ordem social do arquipélago é representado na obra.

Valorizando a língua portuguesa, que antes da independência de Cabo Verde era o único veículo oficial de acesso à literatura e aos bens sociais, Mandinha é orientada a usá-la permanentemente, talvez pelo receio de sua mãe, que o uso do crioulo (língua cabo-verdiana) pudesse vir a afetar o seu sucesso escolar, pois poucas crianças tinham acesso à escola.

Tinha uma moedinha ganha no último fim de semana, dada pelo tio, sob a promessa de só falar português e pouca vezes o crioulo. Todas as semanas repetia-se o mesmo ritual. Ganhava uma moedinha e prometia falar sempre português até o fim do contrato (Idem, p.76).

Nota-se que a personagem possui instrução, pois é descrita lendo um romance em sua cadeira de balanço, ou seja, o cotidiano da mãe de Mandinha não corrobora o de nha Quinha, que vivia na pobreza do Canal “passagem estreita e ressabiada de doenças, chichi e escassez e cachupa” (AMARÍLIS, 1983, p. 67). Assim, Amarílis apresenta uma visão multifacetada das famílias cabo-verdianas na tessitura de seu modo de ser e estar no interior das relações, em seus perfis econômica e moral.

A mãe de Mandinha pegou no romance e voltou-o. Começou a balançar-se, para frente, para trás, na cadeira de balanço, naquela sua mansidão tão dela. Pousou o romance de novo.
- Olha, Bia, estas a ver este romance? É muito bonito. É tudo bom neste romance. Mas na vida, por vezes, temos surpresas. É preciso olho aberto, Bia. Vida é vida. Vida não é romance (Idem, p. 75).

A menos-valia do crioulo (língua cabo-verdiana) e o preconceito pela região do Canal Gelado demonstram o resultado de uma dinâmica social em que se misturam, chocam e interpenetram forças, processos, valores e símbolos oriundos

de duas vertentes civilizatórias, a europeia e a africana, dando luz a uma entidade terceira (LOBO, 2010, p.07) que podemos observar na família de Mandinha.

‘Esta a ver, Titia?’ Bia começou a chorar. ‘Mandinha anda sempre a passar no Canal Gelado, por isso aprende estas coisas de pouco respeito’. Todos os dias passa lá, por isso está uma malcriada. E desaforada. Oh Titia, veja a maneira dela de mão na cintura. Parece daquela gente de ponta de praia.
‘No Canal Gelado, Mandinha’? Não tens vergonha na cara? A andar por aí como uma desviada, hã? (Idem, p.74).

Dentre as várias formas de expressão literária ao alcance das autoras, a escolha pelo conto permitiu inaugurar um espaço rico para o levantamento das questões pertinentes às trajetórias sociais femininas na sociedade cabo-verdiana, corroborando para o registro de uma nova historiografia feminista, o uso do cotidiano como estratégia que possibilita “um novo modo de pensar a história social da mulher” (SANTOS, 2009, p.01) fortalecido pela liberdade que este gênero textual autoriza.

Da leitura das narrativas de Orlanda Amarílis e Ivone Aída no que tange à escolha do conto como gênero de expressão, torna-se claro que o fato de o mesmo permitir “condensar o tempo e o espaço numa abertura do pequeno para o grande, comunicando ao leitor, mesmo na brevidade de seu texto, toda a sensibilidade e compreensão do contista” (CORTÁZAR, 1993, p. 154) colabora diretamente para o registro das experiências vividas pelas mulheres cabo-verdianas (residentes nas ilhas ou na diáspora) no cotidiano.

As ações das personagens traduzidas em papéis de mães e chefes de família nos contos demonstram como resistem a certas forças conservadoras hegemônicas, que operam na consciência coletiva da sociedade no arquipélago e diáspora. A exposição do sofrimento das personagens de Nha Tuda e Nha Quinha, mães que batalham para curar seus filhos, seja de doenças físicas ou psicológicas, demonstram as possíveis trajetórias dos sujeitos femininos no exercício da maternidade.

Cada autora revela, de maneira peculiar, sua alquimia nas escolhas das palavras e na significação dada ao enredo de seus contos. Orlanda envolve o leitor numa tensão do início ao fim, trazendo a posição das mulheres que, mesmo na diáspora, expressam as singularidades da cultura crioula em seu dia a dia. As

marcas mostradas no texto orlandino denunciam preconceitos que se revelam pelo espaço social que ocupam ou pela linguagem das personagens, na composição de um *status* social atualizado ao longo das transformações ocorridas pelo tempo em Cabo Verde, nação global, com cidadãos espalhados por todo o mundo.

Ao fazer um recorte momentâneo da realidade, o conto constitui-se uma veia que distribui várias artérias invisíveis, instituídas pelo não dito, e o leitor vai preenchendo as lacunas da história por suas próprias conclusões e assimilações.

A Hermenêutica do Cotidiano permite, pois, ao leitor, dentro da margem de conhecimento possível, a reconstituição da experiência vivida, invés de ater-se a papéis normativos ou institucionais (DIAS, 1994, p.380), e este movimento rumo à construção de uma nova identidade é reconhecido nas personagens femininas dos contos.

Retomando Cortázar (2008, p.151), quando afirma que tal qual a fotografia, o conto, “ao recortar um fragmento da realidade, vai fixando-lhe determinados limites, mas de tal modo que esse recorte atue como uma explosão que abra de par em par uma realidade muito mais ampla, como uma visão dinâmica que transcende espiritualmente o campo abrangido pela câmera”, as narrativas das autoras nos apresentam pequenas metáforas do cotidiano das mulheres cabo-verdianas, seja no arquipélago ou nas nações que acolhem estas mulheres na diáspora.

2.2 Pelo viés do cotidiano: a situação das mulheres cabo-verdianas: no arquipélago e na diáspora portuguesa.

O estudo do cotidiano nas sociedades em transformação ao resvalar por experiências de vida escapa ao normativo, ao institucional, ao dito, ao prescrito e aponta para o vir a ser, para papéis informais, para o provisório e improvisado, em geral para o vivido, o concreto, o imponderável e não dito.

Maria Odila Leite da Silva Dias

2.2.1 A ficção de Ivone Aída: Trajetória social das mulheres cabo-verdianas nas ilhas

O estudo do cotidiano, com ênfase na historicidade e na diferença, tem imprimido às Ciências Humanas uma revisão de categorias abstratas, universalistas e existencialistas que vinham pautando a análise das sociedades.

De visada multidisciplinar, envolve uma crítica da cultura no sentido de dar visibilidade à vida concreta dos indivíduos e às microestruturas significativas que têm recebido pouca atenção de abordagens macroeconômicas e macropolíticas sob a égide de uma ordem globalizada.

Tanto Michel de Certeau e Luce Giard, na pesquisa que deu origem aos dois volumes de **A invenção do cotidiano** (2008, 2009), quanto Maria Odila Leite da Silva Dias (1994, 1998), vão destacar a categoria “cotidiano” para a análise das “artes do fazer” e da micro-história social construída com base em papéis informais e ações, o mais das vezes, quase invisíveis de minorias consideradas subalternas face ao poder hegemônico.

Para Michel de Certeau, a hermenêutica do cotidiano consiste na teorização dessas práticas sociais, que convocam uma multiplicidade de saberes e métodos (2008, p. 20) para esmiuçar “o dia-a-dia semeando de maravilhas” (Ibidem, p. 18) e micro-resistências “em relação ao desenvolvimento da produção sociocultural” (Ibidem, p. 17).

Com Luce Giard (2009, p.203), Certeau afirma que essas “artes do fazer” ou gestos elementares que se repetem no cotidiano realizam-se, antes de tudo, no “espaço doméstico” ou território privado, lugar do corpo e da vida (Ibidem, p. 205). Das tarefas, por exemplo, Giard destaca as “artes de nutrir” associadas ao papel das mulheres na preparação da comida no lar, tarefas repetitivas e não quantificadas pelas estatísticas de desenvolvimento social que, no entanto, traduzem a propriedade familiar e envolve invenção, criatividade. A ritualização de gestos elementares e a memória das mãos que cozinham, das cores, cheiros, formas e práticas transmitem-se por gerações, desde “mulheres sem escrita” (GIARD, 2009, p. 215) às intelectuais e escritoras de nosso tempo.

É necessário, para resgatar a historicidade dessas mulheres actantes do cotidiano, aceitar, como propõe Giard,

como dignas de interesse, de análise e de registro aquelas práticas ordinárias consideradas insignificantes. Aprender a olhar esses modos de fazer, fugidios e modestos, que muitas vezes são o único lugar de inventividade possível do sujeito (Ibidem, p. 217).

As ocupações cotidianas das mulheres, marcadas pelas sociedades androcêntricas por reduzido conhecimento cultural ou invisibilidade social em virtude de não terem salário e não somarem renda vai receber destaque no trabalho de historiadores feministas como Maria Odila Leite da Silva Dias, Raquel Soihet, Marzia Grassi e Simone Caputo Gomes, que orientarão suas pesquisas pela relação entre práticas cotidianas de sobrevivência e táticas de resistência femininas.

A politização do cotidiano, do privado, faz parte de “uma vertente de vanguarda, polêmica e engajada” (DIAS, 1998, p. 231) que trabalha tensões e conflitos com base em processos históricos de construção das subjetividades detectadas de experiências de vida que transcendem as usuais dualidades (natureza x cultura, privado x público, objeto x sujeito, emoção x razão) estereotipadas.

Escutar a “voz dos silenciados da história”, como os negros, as mulheres e os homossexuais, segundo DIAS (Ibidem, p. 233) torna-se um foco produtivo desta linha de análise que, dando ênfase à micro história e ao cotidiano, abre-se para a investigação de processos sociais mais amplos.

Considerando a Literatura como um polissistema que dialoga com outros polissistema (como social, o artístico, o de gênero), Simone Caputo Gomes (2008) examina, à luz os conceitos de gênero e de vínculo de pertencimento, a escritura de autoria feminina em Cabo Verde lançando mão de disciplinas como a Economia, a Sociologia, a Estatística, a Antropologia, a História Cultural com um recorte feminista, que funcionará como suporte teórico para a interpretação dos mundos femininos construídos com base em papéis informais mapeados no contexto social cabo-verdiano. As mulheres serão as protagonistas da análise, concebidas não mais como categoria universal (“A Mulher”) nem homogênea, mas na multiplicidade de suas identidades (SOIHET, 1997, p. 96) e subjetividades.

A integração das experiências sociais das mulheres cabo-verdianas será examinada por Gomes em diálogo com o polissistema literário, a partir dos pormenores do seu cotidiano, desvendando “processos de outra forma invisíveis” (SOIHET, 1997, p. 99) se considerarmos uma história de grandes marcos registradas tradicionalmente por olhares masculinos.

Na terceira parte de seu livro **Cabo Verde: literatura em chão de cultura** (2008), intitulada “Vulcão: soltando a voz”, Simone Caputo Gomes apresenta, sob um recorte feminista, o cotidiano das mulheres cabo-verdianas que agem nos textos literários de Dina Salústio, Vera Duarte, Fátima Bettencourt, Orlanda Amarílis, Ivone Aída, Sara Almeida, Maria Margarida Mascarenhas, dando visibilidade às vozes e resistências femininas na trajetória das relações de gênero no arquipélago e na diáspora.

Desta pesquisa precursora na área dos Estudos Cabo-verdianos originaram-se várias outras, transformadas em dissertações, teses e livros, linhagem da qual nossa investigação faz parte.

Interessa-nos observar, nas obras de Ivone Aída e Orlanda Amarílis, os mecanismos que levam à submissão feminina em Cabo Verde denunciados pelo discurso literário, mas também os processos de (micro) resistência, de rebeldia e emancipação de uma ordem patriarcal que se pauta em uma história vitimizadora que tem reduzido as mulheres a condições miserabilistas (SOIHET, 1997, p. 100).

Ivone Aída, por exemplo, trata deste tema em sua coletânea de contos intitulada **Vidas Vividas** (1990), abordando diversas faces do cotidiano

protagonizado pelas mulheres que vivem em Cabo Verde em condições miseráveis. Por exemplo, a personagem Tatanha, mulher idosa e pedinte, do conto Sábado Nossa Senhora:

Era a Tatanha; apesar da pressa, não podia andar muito. Tinha um pé envolto em ataduras, uma ferida de mais de vinte anos, incurável, que exalava um cheiro nauseabundo, e impedia-a de andar mais ligeira; lá ia a pé coxinho, tentando ajuntar-se às outras. Algumas traziam crianças pelas mãos, iniciando-as já, nessa vida de peditório e de miséria. Tatanha não conseguira ajuntar-se às outras que se haviam distanciado, devido à ligeireza dos seus passos. Seus olhos tristes devido ao sofrimento e miséria fixavam as pessoas numa imploração muda. Um estrangeiro, vendo-a, impressionou-se com esse olhar; - ela estendendo a mão a medo, nada disse. (ÁIDA, 1990, p.66)

Assim, para que o nosso leitor possa colocar em diálogo, juntamente conosco, o texto literário de escritura feminina e o contexto social ao qual ele dá visibilidade e transfigura artisticamente, ressaltaremos referentes que consideramos relevantes para a leitura de suporte hermenêutico que buscamos realizar.

Contemporiza Eurídice Furtado Monteiro que “a descolonização das antigas colônias não significou o fim da colonialidade” (2009, p. 24) e que importa examinar como esta continua a ser reproduzida, neste caso face ao impacto nas relações sociais de gênero e nas relações entre as próprias mulheres. Enfatiza a pesquisadora que:

Os estudos sobre as mulheres africanas têm vindo a revelar a história dessas mulheres, ausentes/marginalizadas na historiografia do continente africano, como também têm vindo a criticar o eurocentrismo ou etnocentrismo que caracterizam muitas análises de feministas ocidentais (Ibidem, p. 24).

Acrescenta que “as perspectivas feministas pós-coloniais africanas têm vindo ressaltar a questão da dupla colonização de que as mulheres africanas foram sujeitas” (Ibidem, p. 25). A colonização estrangeira neocolonial e neoliberal e a colonização interna fomentada pelas leis patriarcais igualam as mulheres africanas quanto à subalternização, mas, por outro lado, evocam a necessidade de reconhecimento da diversidade das lutas feministas de acordo com as necessidades dos respectivos contextos africanos.

A forma como as representações femininas no discurso libertário são realizadas pelas mulheres africanas pode contribuir para a “descolonização da

imagem” estereotipada de mães, esposas generosas e fecundas que tem sido veiculada (MONTEIRO, 2009, p. 31).

Em **A Exilada** (2005), obra de Ivone Aída, encontramos na personagem Filó o estereótipo da esposa dedicada ao lar, ao matrimônio e à maternidade:

Filó de há muito abandonara a vida social. Vivia sempre em casa trabalhando, estudando, criando algo que a satisfazia [...] Sentia-se estranha, já não tinha aquele à-vontade que possuía quando solteira, rodopiando nos braços dos rapazes apaixonados, ciciando-lhe galanteios ao ouvido. A vida para Filó transformara-se. Era mãe e as responsabilidades pesavam-lhe. (AÍDA, 2005, p.73-74)

Em contexto cabo-verdiano, interessa-nos observar como se inserem as mulheres, para acompanhar a sua trajetória. O levantamento estatístico do Censo mais atualizado em Cabo Verde (março de 2011) nos leva a constatar que o arquipélago possui mais mulheres (50,5%) do que homens (49,5), embora tendendo à paridade.

Dos 491875 habitantes, a maioria reside em zonas urbanas (62%), sendo as zonas rurais (38%) mais povoadas por mulheres. Estas ainda estão menos alfabetizadas do que os homens, sendo 15% a diferença de taxa, embora em Cabo Verde o nível de alfabetização seja alto (82,8%).

A população é jovem (média 26,8 anos), solteira (54%) e declarando união de fato 22% daquela população. Quanto aos índices de emprego, 60,9% dos homens apresenta atividade na área, em face de 45% de mulheres. Estas hoje, contrariamente à época colonial, em que a emigração masculina era dominante, saem de Cabo Verde para comerciar ou estudar em outros países.

Ressalta Simone Caputo Gomes que:

em Cabo Verde, fatores econômicos, sociais, culturais e a emigração masculina [têm] impacta [do]m diretamente a fragilidade de família, com consequente instabilidade da mulher e dos filhos menores (2008, p. 272).

Complementa a pesquisadora que grande parte das famílias cabo-verdianas é chefiada por mulheres, com elevado número de filhos (cerca de 80% nascidos fora do casamento), habitações rurais, baixo nível de instrução e de remuneração, o que justifica o incentivo à promoção feminina que vem sendo incrementado pelo governo e pelas ONGs (Ibidem, p. 273).

Maria Lucia Rocha Coutinho (1994, p. 33) define da seguinte forma a posição que as mulheres têm desempenhado na sociedade patriarcal: vivem “para os outros e não para si mesmas”, em torno das tarefas domésticas, sem direito a salário, descanso, reconhecimento econômico e social, limitadas ao âmbito privado familiar. Essa concepção, que permeou o século XX, foi aos poucos sendo combatida pela visibilidade que começou a ser dada às pequenas ações cotidianas que, por vezes despercebidas, foram semeando uma nova história e permitindo a construção de outros olhares sobre as identidades femininas.

Reconhecemos na personagem Tanha, do conto *Destino Dum Criol*, da coletânea **Vidas Vivas**, um princípio desse processo de micro-resistência, com o questionamento sobre o futuro dos filhos, contrariando o que o discurso de autoridade masculina (marido) determinava:

Agora mais do que nunca, Zé Catoque tinha mais amor à vida. Tinha que criar aquele “fdjo-matcho”: - Ele haveria de ser pescador como ele – monologou.

Tanha ao ouvir o Zé a falar em fazer filho um pescador, protesta: - não Zé! Porque é que não há-de fazer dele outro homem, sem essa vida do mar, sem esses perigos por estas coisas? Se tu soubesses como é que ficamos, quando vais à pesca? Enquanto não regressares, a gente anda com o coração no papo. Vida de sobressalto, vida de tristezas, vida cansada Zé, isso eu não quero para o Maninho! Eu sonho para ele uma vida melhor. (AIDA, 1990, p.13-14)

Em Cabo Verde, sociedade em que o homem exerce papel de relevo na célula familiar e à esposa são reservados os serviços caseiros, a educação dos filhos (dela e dos “de fora”, que o marido tem com outras mulheres), duros trabalhos da lavoura e na construção de estradas, as mulheres encontraram forças para desafiar esse cotidiano limitador, realizando seus desejos de emancipação e de buscar ocupar outros espaços, para além dos que lhes eram reservados pela ordem androcêntricas.

Observamos esse desafio à ordem patriarcal na personagem no conto: A exilada, pertencente à coletânea de mesmo nome, que a personagem Chica ousa realizar seu desejo de fazer um baile escondido do marido:

Um assalto de carnaval sempre ajuda a aliviar esta tensão em que vivo. Já pensaste, Ninha, nesta vida que levo, cozinhar, varrer, ir ao *plurim*

vender linguiças para poder arranjar uns tostões? Já viste como é a vida de uma mulher escrava do marido e dos seus caprichos?

E ele, Chica, o que faz? É reformado e passa a vida na pândega e eu, é isso. Escrava, menina, escrava! (AIDA, 2005, p. 53)

Em Cabo Verde, o reduto do lar, para a mulher, não costuma ser sinônimo de uma vida tranquila, mas de muito esforço e trabalho: caminhar por quilômetros para buscar água, recolher lenha para acender o fogão de “três pedras”, produzir o alimento, cuidar da agricultura e pecuária, controlar a economia da família são operações que demandam tempo, esforço e dedicação. Além do que os serviços caseiros, pouco reconhecidos como valor, têm sido especialmente penosos nas terras áridas de Cabo Verde.

O trecho do mesmo conto de Ivone Aída descreve as atividades relacionadas à culinária rural e a sementeira:

Um caldeirão fumegava sobre três pedras grandes, tendo por baixo o lume crepitando nas achas de lenha, espalhando muito fumo e calor à volta. O feijão pedra fervia junto com grandes nacos de carne de porco salgada, era a comida dos trabalhadores. As mulheres, de saia arregaçada, lançavam quatro grãos de milho e dois grãos de feijão em cada cova feita com as enxadas, e com o pé tapavam-na com terra. Ao meio dia alguém tocava uma sineta para chamar os trabalhadores. (AÍDA, 2005, p.56)

O solo cabo-verdiano aceitou de maneira propícia o milho trazido das Américas, que trouxe esperança, reinventando a vida e produzindo mudanças culturais. O milho tornou-se o símbolo do alimento do povo (Almada, in VEIGA, p.66). Como em qualquer nação, a sua culinária demonstra aspectos de identidade, com pratos típicos em todo o território e na diáspora. A cachupa, para os cabo-verdianos, é um prato relevante, comum a todas as ilhas, todas as classes e a todas as comunidades – quer se encontrem na diáspora ou não.

A comida tradicional derivada do milho é preparada no fogão de três pedras, instalado no quintal cabo-verdiano:

Era costume da ilha. Quase todos sem exceção comiam papa de milho moído em moinho de pedra com leite fresco de cabra ou de vaca. Era o tradicional do almoço e à noite a cachupa com leite no fim da refeição. (AÍDA, 2005, p. 41)

Um caldeirão fumegava sobre três pedras grandes, tendo por baixo o lume crepitando nas achas de lenha, espalhando muito fumo e calor à volta. (AÍDA, 2005, p.56)

Não devemos também esquecer que, segundo Friedmann (1996, p. 50), é preciso dar “atenção às unidades domésticas”, consideradas como “a menor unidade da sociedade civil, política e econômica [...] e de tomada de decisões quotidianas” para provocar, em longo prazo, uma transformação a nível global.

Michel de Certeau (2009, p. 340) afirma que:

A prática cotidiana restaura com paciência e tenacidade um espaço de jogo, um intervalo de liberdade, uma resistência à imposição (de um modelo, de um sistema ou de uma ordem): poder fazer é tomar a própria distância, defender a autonomia de algo próprio.

Operando dentro de uma situação de pobreza, na qual devem negociar a falta de água potável, de saneamento básico, alimento, saúde entre os seus, as mulheres, mães, esposas operam muitas vezes em situação limite para o viver ou morrer de sua família. Felizmente, o poder público, há algumas décadas, tem avançado no sentido de minimizar a pobreza entre as mulheres cabo-verdianas chefes de família. Simone Caputo Gomes (2008, p. 276) esclarece:

O Plano Nacional de Luta contra a Pobreza, elegendo a mulher como destinatário privilegiado, destaca os seguintes eixos: promoção da integração das mulheres pobres nos circuitos econômicos; reforço da capacidade da mulher em desenvolver microempresas e atividades geradoras de rendimento, através da formação e informação; promoção do acesso da mulher aos meios produtivos e a outros recursos pelo microcrédito; ações para melhorar a competitividade da mulher e das jovens, em especial, no mercado de trabalho, através de adequada educação e formação profissional.

Diante disso, constata-se um incentivo à emancipação econômica e cultural das mulheres no sentido de amenizar os vários processos de discriminação que ainda permeiam o seu cotidiano. Amílcar Cabral, em **A arma de teoria: unidade e Luta** (1976, p. 165), critica a dominação masculina e aposta na construção da igualdade na diferença: “A mulher tem direito de avançar, ter instrução, de ir à escola como qualquer ser humano, para fazer qualquer trabalho, como ela é capaz de fazer”. Apontando para este horizonte, Ivone Aída representa essa construção feminina na personagem Crisna, do conto A festa, da obra **A Exilada**, que exerce na emigração o direito à instrução, ao avanço e à autonomia:

Crisna, jovem mulata de cabelos desfrisados e recém-chegada da Europa, por onde andara fazendo um curso de Belas Artes replica: ‘Minhas senhoras, eu fiz curso de belas Artes e sou decoradora. Se quiserem aproveitar os meus fracos conhecimentos’ Olharam pra ela com desdém e ela se afastou sem lhes dar mais atenção, pensando: “Que gente tão mesquinha!” (AIDA, 2005, p.74-75)

O surgimento da OMCV (Organização das Mulheres de Cabo Verde) em 1981, no pós-independência, alavancou sensivelmente as lutas pela emancipação das mulheres, como esclarece ainda GOMES (2008, p. 163):

A 27 de março funda-se a OMCV (Organização das Mulheres de Cabo Verde), cujo trabalho pudemos acompanhar em visita recente as delegações das Ilhas de São Vicente e Santo Antão. A OMCV entende a emancipação como processual, como conquista gradual do espaço feminino na sociedade, criando condições objetivas e subjetivas que permitam à mulher participar na transformação de suas condições de vida, bem como na promoção de sua plena integração no desenvolvimento do país.

Inicialmente, a OMCV debruçou-se sobre problemas específicos das mulheres, a fim de suprir as necessidades primárias. Logo, as conquistas no campo cultural, como a criação de jardins comunitários para apoiar a mulher na educação dos filhos e gerar tempo para sua instrução própria foram acontecendo gradualmente, promovendo a ampliação dos espaços femininos em vários campos, chegando até a literatura escrita, que ora analisamos.

A política de justiça social foi alargando, a partir de organizações como a OMCV, o âmbito dos problemas que atingiam as mulheres, considerando que eles afetavam toda a sociedade cabo-verdiana.

A regularização do setor informal representou também um grande avanço, pois em sua maioria as mulheres praticam o comércio de pequenos itens, mesmo em se tratando de produtos agrícolas. Esta estratégia tem sido responsável pela diminuição do índice de pobreza entre as mulheres cabo-verdianas, que possuem hoje papel de relevo no comércio informal. Exemplo do trabalho informal é representado, no segundo conto da coletânea **Vidas Vividas**: Zinda Ó Grogue Nha Sina pela personagem nha Tuda:

Os fregueses já se esperavam para comprar esse bom cuscus, que só ela sabia fazer. Após a venda, ía fazer reбуçado, açucrinha e pirinha das ilhas. Num balaio coberto, à porta da sua casa, estacionava a sua venda e de cócoras ou assentada num banquinho, abanava com uma toalha, as moscas que zumbiam à volta.

- Nha Tuda, dois tostões de pirinha da ilha!

- Meio tostão de reбуçado Nha Tuda!

- Oh m'nis, devagar.

- Temos pressa Nha Tuda, nós vamos para a escola. (AIDA, 1990, p.34-35)

Érica Antunes Pereira (2010, p. 65) refere, em sua pesquisa, o relatório **Situação Mundial da Infância – Mulheres e crianças: duplo dividendo da igualdade de gênero** (UNICEF, 2006), que aponta perspectivas animadoras para o avanço da situação das mulheres no mundo:

Apesar da desigualdade de gênero arraigada, o status da mulher melhorou nas três últimas décadas. O aumento da conscientização com relação a práticas e consequências da discriminação – inclusive de violência física e sexual, mutilação/corte genital feminino (M/CGF), número desproporcional de mulheres afetadas pelo HIV/AIDS e analfabetismo de mulheres, entre outras – favoreceu maior demanda por mudanças por meio da promoção de reformas sociais e de legislação, os proponentes da igualdade de gênero.

Também o controle da natalidade (pelo planejamento familiar e pela regulamentação da interrupção voluntária da gravidez) e a separação entre reprodução e sexualidade foram aspectos trabalhados pela OMCV e pelos órgãos governamentais no que toca à opressão das mulheres pelos homens em Cabo Verde.

Lembramos que, em 5 de dezembro de 1980, Cabo Verde tornou-se parte do Comitê sobre a Eliminação da Discriminação contra as Mulheres (CEDAW), em decorrência da Convenção de 1979 sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, uma das primeiras convenções de proteção aos direitos humanos ratificadas pelo Estado de Cabo Verde. Essa e outras ações promovidas pelo governo demonstram seu olhar atento à situação social das cabo-verdianas. Além de efeitos políticos e jurídicos, os governantes têm buscado promover também uma reeducação da população para a mudança do padrão de comportamento social e cultural de homens e mulheres, rumo à igualdade de direitos, exercício da cidadania e respeito mútuo independentemente do sexo.

O Plano Nacional para a Igualdade e Equidade de Gênero (2005-2009), também elaborado pelo Governo de Cabo Verde, é um importante documento para a garantia dos direitos das mulheres e sua relação com o desenvolvimento nacional. De maneira progressista, o governo tem buscado atender a todos os objetivos estratégicos da Declaração de Beijing e da Plataforma de Ação adotada na IV Conferência Mundial sobre as Mulheres. Contudo, apesar dos esforços continuados, ainda há muito que fazer em apoio e em prol do desenvolvimento das mulheres cabo-verdianas.

A violência dentro do seio familiar continua a ser um entrave a essas metas: por motivos como alcoolismo, as drogas, o desemprego, companheiros espancam suas mulheres para afirmar sua superioridade ou dominação. Este fato é reconhecido pelas autoridades, que têm imposto medidas de prevenção da violência junto às famílias. A criação de Centros de Emergência Infantil na Cidade da Praia e do Mindelo, em janeiro de 2004, foi uma ação promovida para enfrentar esta realidade. E, aos poucos, as questões relacionadas às mulheres e seus filhos vão sendo atendidas pelos sucessivos planos de governo e organizações da sociedade civil, o que tem contribuído para o avanço da legislação e da trajetória feminina naquele país africano.

Considerando esses dados à luz da teoria da hermenêutica dos cotidianos femininos, percebemos a necessidade de examinar a trajetória das mulheres cabo-verdianas em seu contexto, valorizando lhes os papéis informais, que só conseguimos visualizar quando voltamos nossa atenção aos seus cotidianos como fonte histórica.

No sentido de ultrapassar o que Rosiska Darcy de Oliveira (1999, p. 40) descreveu como uma “cultura masculina (que) alimentou representações das mulheres como seres anfíbios, mais intuituais que os homens: alheias à razão, rebeldes à domesticação, como se, nelas, a natureza guardasse seus direitos de permanência, de imutabilidade, de regularidade”, buscamos aqui evidenciar as rupturas (pequenas ou grandes) com esta identidade estereotipada pelo olhar masculino, sobretudo quando as mulheres lançam-se na vida social do trabalho que apaga as fronteiras entre o público e o privado, assim caracterizados por Oliveira (1999, p. 98):

O cotidiano das mulheres era marcado por tarefas gratuitas que interessavam à família. O cotidiano dos homens por um trabalho remunerado que interessava à sociedade. Essa fronteira demarcava claramente um universo privado onde se movimentavam as mulheres e um universo público onde se movimentavam os homens. O mundo masculino e o mundo feminino eram diferentes e desiguais.

A presença masculina nos órgãos públicos ainda é maciça em Cabo Verde, portanto muito há que conquistar. O relatório “**Mulheres e Homens em Cabo Verde: Factos e Números 2008**” elaborado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), em conjunto com o Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade do Gênero (ICIEG) e as Nações Unidas, é prova cabal de avanço, fornecendo

indicadores sobre a evolução das mulheres no país, com destaque para o período de 1991 a 2008, em que houve o aumento da integração das mulheres à política e ao governo, fato determinante para consagração da emancipação feminina.

Algumas mulheres, por exemplo, atuam na administração de seu próprio negócio, muitas vezes na ilegalidade, proprietárias de pequenos botequins e prostíbulos, como registra Ivone Aída:

Julia Paxana era mulher quarentona, gorda prazenteira e muito relacionada [...] fazia o seu negóciozito ao mesmo tempo em que deambulando na saleta de sua casa, fazia salientar as coxas volumosas [...] exibindo um grande sorriso, tendo os braços repletos de pulseiras em metal que titilavam, quando servia o grogue aos seus fregueses clandestinos, pois, Julia transgredia a lei; não pagava licença e lucrava com o seu negócio de grogue e contrabando e muitas vezes ia um pouco mais longe, alugando quartos para encontro amorosos. Os cinquentões adoravam Julia Paxana, que lhes facilitava a satisfação dos seus desejos com jovens menos escrupulosas. (AÍDA, 1990, p.22)

Segundo Queiroz (2010, p. 32), a importância da função social das mulheres em Cabo Verde é atestada, nos dias de hoje, pela presença crescente no poder executivo (ministérios e secretarias, direção de serviços e departamentos, câmaras municipais), no poder judiciário (tribunais e procuradorias), assim como na administração em geral e também nos órgãos legislativos (Assembleia Nacional e Assembleias Municipais). Também a sua força no comércio informal, como “rabidantes”, tem sido, na última década, fundamental para a mudança nas relações de gênero e poder /prestígio em Cabo Verde. O mercado de Sucupira, na ilha de Santiago, e a emigração comercial das mulheres para o exterior (inclusive Brasil e Portugal) têm sido relevantes nas dinâmicas espontâneas do empresariado comercial (GRASSI, 2003, p. 29).

Além do comércio informal praticado pelas mulheres “rabidantes”, os botequins são também comuns nos arredores das ilhas. Percebe-se, pela descrição de Ivone Aída no conto A exilada, que mesmo quando o negócio é em família, o homem permanece no ambiente público, no balcão atendendo os fregueses, e as mulheres ficam restritas ao privado, no interior da cozinha preparando os pratos.

As funções sociais masculinas e femininas como propõe Rocha Coutinho (1994, p. 39) são demarcadas, tendendo aquelas para o espaço público e estas para o privado:

À frente era o botequim estreito, um balcão exíguo com prateleiras toscas onde as garrafas enfileiravam-se e as latas de cigarros Capstan e os maços de cigarro Smart e Falcões davam nota alegre ao ambiente. [...] encardidos pelo fumo do carvão Nhô Cass, vindo do fogueiro onde cozinham a parca refeição de cachupa ou fritavam o peixe para venderem no botequim. A mãe Luzia, baixa e atarracada, pés inchados, cabelos já brancos, remexia o peixe na frigideira. Era a luta pela vida. O filho ajudava nas lides do botequim, seu ganha-pão. Todo o ambiente punha uma nota sombria no quadro daquela família que lutava para sobreviver. (AÍDA, 2005, p.50-51)

Afirma Stuart Hall (2003; 2005) que as mudanças históricas são inseparáveis das mudanças relacionadas às estruturas sociais, que são compostas por indivíduos que as negociam a todo o momento. Logo, as mulheres cabo-verdianas, ingressando no espaço público, têm aberto caminhos para uma emancipação que vem mudando o curso da história. Contudo, essa trajetória deve tornar-se visível – e a escritura literária de autoria feminina assume espaço importante nessa conquista –, pois, mesmo diante do cenário favorável cabo-verdiano pós-independência, ainda há muitas mulheres à margem desses avanços. Buscar uma maneira de expandi-los a toda população feminina é um desafio a ser superado pelo país e a sua emancipação enfrenta no senso comum o seu adversário mais poderoso.

Pensar o cotidiano como uma porta aberta para ações inovadoras e saberes criativos permite combater este senso comum que arrasta um ideário machista de mulher universal, frágil, incapaz, do lar, sem voz e submissa no que diz respeito à consciência crítica de suas potencialidades e poder de transformação da realidade. Dando visibilidade às realidades femininas não hegemônicas e às micro-resistências (termo proposto por Certeau) as escritoras cabo-verdianas propõem mudar o curso da história consolidada no imaginário feminino através de estratégias críticas persistentes e combativas ao senso comum que limita horizontes, livrando-se das amarras aos padrões “naturais” e biológicos difundidos pela dominação masculina. Zygmunt Bauman (1977, p. 126), recorrendo à Habermas, esclarece:

Isto só pode ser alterado por meio de uma mudança no estado da própria consciência por meio do efetivo prático de uma teoria que não

promova a manipulação das coisas e das retificações, mas que, ao invés, promova o interesse da razão no estado adulto do homem, na autonomia da ação e na libertação de todo dogmatismo. Isto só pode ser atingido por meio das ideias penetrantes de uma crítica persistente.

Examinar o discurso literário feminino em Cabo Verde à luz do cotidiano e em consonância com a trajetória de emancipação das mulheres cabo-verdianas significa historicizar os aspectos da vida de todos os dias (DIAS, p. 374), permitindo-nos temporalizar os conceitos, contextualizar a história, considerando os processos de transformação dos valores culturais.

Enfim, investigar a visibilidade, na literatura, dos papéis desempenhados pelas mulheres cabo-verdianas que nascem, crescem e morrem dentro das ilhas ou nos lugares de acolhimento (diáspora) perpassa suas lutas cotidianas de afirmação e construção de identidades, sua determinação e solidariedade diante da realidade difícil e, muitas vezes, excludente à qual pertencem. Assim, essas pesquisas integram o feminino em um espaço de liberdade ao conquistar seu reconhecimento fora da dimensão privada, saltam da “história do Feminino, para o feminino como História” (OLIVEIRA, 1999, p. 145).

Os estudos feministas dos cotidianos, à diferença da historiografia oficial que se constrói a partir de uma visão masculina de grandes feitos de heróis homens, apontam para a abertura dos historiadores para os estudos dos papéis informais (SOIHET, 1997, p. 108), visíveis apenas por meio do enfoque do dia-a-dia, recursos possíveis e eficientes para atingir objetivo como o nosso, qual seja o de obter pistas que possibilitem a reconstrução da experiência concreta das mulheres em sociedade, desempenhando um papel ativo na criação de suas próprias histórias.

Nossa linha de investigação se justifica se, por exemplo, concordamos com Marzia Grassi (2003, p.83) que “a economia” é, sem dúvida, uma disciplina androcêntrica, ou melhor, falocêntrica, e “reflete a maneira de conceber o mundo sob um prisma masculino” (Ibidem), o que traz como consequência a “invisibilidade” da contribuição feminina para a economia mundial.

Mapeando os textos literários tomados como *corpus* desta pesquisa, encontramos propostas de identidades femininas plurais (DIAS, 1994) nos contos de Ivone Aída Ramos, que nos revelam aspectos pertinentes ao cotidiano da mulher cabo-verdiana que permanece com os pés fincados na(s) ilha(s). A

construção das personagens femininas pela autora ora manifesta traços de conformismo diante da vida sofrida, ora acende uma chama de esperança, que aponta para a disposição em transformar a sua realidade.

A vivência biográfica da própria autora já nos revela índices das realidades femininas que busca retratar, mulher órfã de mãe por volta dos sete anos de idade, que passa a infância com os avós e tem uma adolescência itinerante, migrando entre ilhas na fuga da pobreza e em busca de conhecimento.

2.2.2 O conto de Orlanda Amarílis: As mulheres cabo-verdianas na diáspora

O movimento migratório de Cabo Verde pelo mundo tem tido nos anos recentes uma crescente feminização.

Marzia Grassi

Considerando a diáspora como fator determinante na economia e na história da cultura de Cabo Verde, mulheres e homens fazem um movimento circular entre os que ficam e os que retornam, caracterizando a dualidade do “querer ficar e ter que partir” ou do “querer partir e ter que ficar”, tão tematizada pela literatura. Hoje o número de cidadãos que vivem na diáspora é muito elevado com relação à população que permanece no arquipélago.

As motivações que têm impulsionado o deslocamento são de várias matrizes, mas o fio condutor se tem resumido na aspiração básica do emigrante em lutar por sua sobrevivência e a de sua família para, num segundo momento, poder criar melhores condições de vida (HERNANDEZ, 2002, p. 104).

Orlanda Amarílis registra em seus contos, o importante papel das mulheres no processo migratório, bem como os diversos papéis que representam em seu dia-a-dia, na tentativa de superação da situação de pobreza econômica em que vivem no arquipélago, sobretudo pela aridez do solo e a falta de chuvas:

“Sabe comadre, a vida aqui já não podia continuar como era. Sete anos sem chuva é muito. Eu não tenho nem uma migalha de reforma de Deus-Haja. Nós vivemos da renda dos bocadinhos de terra e de mais alguma coisinha, encomendas dos nossos rendeiros, um cacho de banana de vez por outra, uma quarta de mongolom, umas duas quartas de milho e é tudo” [...] “se nha fidja me mandar algum dinheirinho, posso começar um negócio de comidas, assim uma caldeira de catchupa com mandioca e toucinho para vender à boca-da-noite, um groguinho ou um pontche para emborcar em cima, e pronto” (AMARÍLIS, 1983, p.14)

Inicialmente, na história do arquipélago, a emigração, considerada um dado estrutural da sociedade cabo-verdiana, era majoritariamente masculina, pois os homens ofereciam mais força de trabalho do que as mulheres. Os efeitos dessa constante emigração masculina, mormente até os anos oitenta, recaíram sobre as mulheres, que eram obrigadas a assegurar a educação dos filhos e o sustento da família, vendendo frequentemente a sua força de trabalho nas obras públicas (GRASSI, 2007, p. 31). Os movimentos migratórios entre elas eram diferentes dos movimentos dos homens, como esclarece Mario Murteira:

[...] a mulher cabo-verdiana, em particular no meio rural, suporta frequentemente duríssimas condições de vida e de trabalho – que exigem grande robustez física – enquanto o homem ainda continua geralmente fascinado pelas oportunidades de emigração, nas condições diversificadas. A mulher tende, pois a ser mais (endógena) a Cabo Verde do que o homem, o que significa que este perca com facilidade os laços que o prendem à sua terra. (MURTEIRA, 1998 apud GRASSI, 2007, p. 31).

À frente do comércio informal, as mulheres chefes de família que migram o fazem geralmente entre as ilhas, para a venda de pequenos itens agrícolas, nascendo uma rede com o propósito de complementar a renda familiar.

Contudo, tem havido um aumento recente na propensão para emigrar das mulheres que exercem atividades econômicas informais, sendo que, quando a motivação é a formação escolar, podem se apoiar nas redes comerciais transnacionais que funcionam entre Cabo Verde e os países da diáspora (GRASSI, 2007, p. 45). Aos poucos, as mulheres vão avançando em suas ações e buscando a sua emancipação econômica e social fora das ilhas. Surge também em Cabo Verde uma “nova diáspora” de natureza mercantil, que se reproduz à margem da formalidade e começa a mudar o tecido social e econômico (GRASSI, 2003, p. 21).

As “rabidantes”, empresárias, mulheres, despontam no setor informal, estabelecendo a ligação entre o arquipélago (e as comerciantes radicadas nele,

sobretudo no mercado de Sucupira) e o exterior, na ativação de fluxos financeiros em tempos de globalização. O termo “rabadante” provém do crioulo “rabida bo”, isto é, aquele que é hábil no convencimento do outro. (Ibidem, p. 24). Esta atividade, estreitamente relacionada à categoria “gênero”, afigura-se como relevante no cotidiano das mulheres cabo-verdianas, seja no arquipélago, seja na diáspora, especialmente no que diz respeito aos progressos de mudança social, além de “constituir um espaço de representação de interesses femininos” (Ibidem, p. 29). Como ressalta ainda Marzia Grassi: “O espaço econômico informal em Cabo Verde constitui um espaço de identidade das mulheres que nele intervêm, que pode estimular o seu *empowerment* e influenciar o caminho do desenvolvimento” (Ibidem).

Em suma, a atividade das rabadantes constitui “um desejo profundo aos conteúdos culturais das noções tradicionais de mulher em Cabo Verde”, como assinala Grassi (Ibidem, p. 302): ora os ganhos são enviados aos seus agregados, ora aos que estão na diáspora, estabelecendo uma relação solidária de partilha entre cabo-verdianos que vivem em todas as partes do mundo³.

Ressaltamos que essa relação solidária não acontece apenas entre familiares, mas sim num movimento a favor de todos os membros da comunidade cabo-verdiana, constituindo o conceito de família alargada. Na diáspora, os laços de sangue nem sempre são fator mais importante para a gestão da solidariedade e da entreaajuda (GRASSI, 2007, p. 52), instalando uma prática que propõe uma nova lógica, transpondo a rede familiar para uma rede social de ajuda mútua ou *ajunta mô* (juntar as mãos, em língua cabo-verdiana).

Grassi (2007, p. 49) esclarece:

De facto, as histórias de vida especificam, simultaneamente, a existência de um movimento constante de bens entre os Estados mencionados e Cabo Verde dentro do contexto geral da diáspora, mas não exclusivamente através de linhas de familiaridade. Estas linhas parecem ser mais especificamente, a forma “implícita” pela qual as pessoas residentes em Cabo Verde, num sentido mais ou menos

3 NOTA: A diáspora cabo-verdiana se divide pelas Américas (sobretudo os E.U. A e Brasil), a Europa (Portugal, Holanda, Itália) e o continente africano. Para Portugal, intensifica-se a partir de 1960, com o objetivo de suprir carência de mão-de-obra masculina.

definitivo, são capazes de complementar e/ou gerar o rendimento necessário para sustentarem as suas vidas nos países de acolhimento, bem como as dos familiares que permanecem em Cabo Verde.

O cotidiano das mulheres que emigram para outros países em busca de melhorias para si e para seus agregados, ou até mesmo aquelas que se movem por querer uma formação intelectual melhor, revela-se tão desafiador quanto o das que permanecem na ilha. Vejamos como Xanda, protagonista do conto de mesmo nome, pertencente à coletânea **Ilhéu dos Pássaros** (1983) de Orlanda Amarílis, que parte jovem, com muitos projetos profissionais, para Lisboa, acaba fugindo para Dakar, cidade que tem abrigado varias prostitutas oriundas de Cabo Verde, deixando um filho para trás:

E assim uma tarde, sentadas na varanda de trás, anunciou a sua viagem para Lisboa [...] “Não te afrontes mamá, já tenho um emprego prometido”. Escrevi a nha Mari Canda, ela já tem um quarto pra mim. Eu vou trabalhar e continuar a estudar. Acabo o liceu e hei-de tirar um curso, bô ouvi, mamá?

[...]

“Xanda? Sossega moço. Esta é Mari Perpétua. Estás com visões, moço? Xanda deu o fora há mais de seis meses. Fugiu para Dakar” [...] para Dakar? Fazer o que? Andas longe deste mundo, tchê. Xanda saiu de casa de Nha Maria Canda sem dar satisfação a ninguém. Por sinal foi um caso sério depois, porque apareceram por lá uns paisanas, prenderam Nha Maria Canda, deram uma carga de pancada nas filhas e ainda por cima espancaram nha Leocádia também. (AMARÍLIS, 1983, p.115-118)

O impacto da diáspora na construção das identidades cabo-verdianas é assim definido por Manuel Veiga:

A Insularidade isleña afigura-se como o resultado da luta e dos desafios que nascem no próprio chão das ilhas: ela é também um projecto inacabado cujos traços ganham forma e conteúdo no confronto e reencontro da água com a terra, do homem com o mar. [...] O ‘ciclo do mar’ forjou pois, a nossa Insularidade, mas também levou-nos a descobrir que se o mundo começa em nossa ‘casa’, o universo não se restringe apenas as nossas ilhas. Daí a nossa grande vocação ao diálogo e à cooperação, numa perspectiva de reconversão constante, de reconstrução inacabável e de afirmação assumida de uma criouliidade com personalidade recriada diante do “outro” com quem dialoga e com quem coopera (VEIGA, 2008, p. 9-10).

Se pensarmos o cotidiano feminino na diáspora (tema da obra ficcional de Orlanda Amarílis) em paralelo ao cotidiano feminino do arquipélago perceberemos que os efeitos globais também atingem a construção ou manutenção da identidade das emigrantes. Ressalta-se que a emigração é, sem dúvida, uma

opção por fonte de riqueza e reprodução social jamais entendida como abandono às suas origens: é tida como um meio e não um fim. O retorno é sempre o objetivo maior dos cabo-verdianos que, mesmo vivendo na diáspora permanentemente, não cortam os laços com o espaço considerado como de seu “pertencimento”: as ilhas.

A cultura cabo-verdiana preserva-se mesmo na diáspora, como expõe Amarílis no conto Xanda, que inclusive mantém a língua cabo-verdiana (crioulo), dando-lhe estatuto literário:

Olha rapaz, se queres informações vai a Campo de Ourique. Estão lá os patrícios todos. Estão lá os seus bailes, a boite, as suas chicanas. Oià vai perguntar ao Nené, tá direito? Nené de Djindjon sabe da vida de tude gente de Soncente. (AMARÍLIS, 1983, p.119)

O constante movimento de emigração promove um intercâmbio entre culturas diferentes que contribuem para a formação do sujeito de maneira plural. Extrapolando as fronteiras nacionais, as identidades vão se desenhando com traços globais que se interiorizam, modificando a essência da cabo-verdianidade pelo mundo; contudo, o sentimento nostálgico de terra natal é permanente nas mulheres que vivem na diáspora e Orlanda Amarílis demonstra esse aspecto por meio de várias personagens em seus contos:

Normalmente começava a beber sempre depois das seis da tarde. Hábito dos tempos de Londres. Qualquer bebida branca servia-lhe. Vinho branco, é evidente, gin, whisky, vodka. Era tudo uma irmandade, galhofava divertida.

[...]

Bina pensou ainda um momento com as folhas na sua frente. Escrever não é assim tão fácil [...] Acudiu-lhe à idéia uma coisa esquecida de há muitos anos. Por mor de quê? Três vezes a luz verde a piscar para um lado, para depois piscar para outro lado, desta vez três vezes a luz vermelha. É curioso! Porque se lembrou neste instante do ilhéus dos Pássaros? Do farol do ilhéu dos Pássaros? (AMARÍLIS, 1983, p. 130-132)

Quanto às formas de discriminação que acometem as mulheres em sua pátria, as mesmas se deslocam também para lugares de acolhimento, dificultando, por exemplo, o seu acesso ao trabalho formal, bem como o exercício da cidadania:

Deste modo, a emigração feminina de Cabo Verde não pode ser lida exclusivamente como um fator emancipatório, sendo, pelo contrário,

susceptível de riscos acrescidos nos lugares de acolhimento em relação aos perigos que a mesma discriminação assume no arquipélago, onde certas formas de solidariedade primária ainda funcionam em termos de proteção social. Esta parece diluir-se grandemente nos lugares da diáspora, onde a solidariedade se atenua (GRASSI, 2007, p. 56).

Como a compreensão de categoria “gênero” afeta fortemente a posição da mulher na estrutura familiar cabo-verdiana, como responsável pelo sustento e reprodução do agregado, as mulheres emigrantes de origem cabo-verdiana carregam consigo esta responsabilidade para os contextos de acolhimento (GRASSI, 2007, p. 13).

Movimentando-se num espaço geográfico global, mas movidas por um forte sentimento de pátria cabo-verdiana (insular), essas migrantes interiorizam os países da diáspora “como parte de um território nacional da nação cabo-verdiana, que não tem fronteiras físicas limitadas às ilhas” (Ibidem, p. 25).

Por meio de novas experiências vividas em contato com uma cultura diferente, as cabo-verdianas, contudo, vão adquirindo novas informações que as fazem sentir-se parte daquela sociedade, chegando a reivindicar direitos sociais e políticos. Ressalta Leila Hernandez (2002, p. 107):

Na verdade, com o impacto da vida urbana e da educação moderna às quais são expostos, os emigrantes transformam-se em grupos de pressão, reivindicando transformações e almejando ampliação da participação política, desenvolvendo o espírito crítico acerca da estrutura vigente e da falta de liberdade em que vivem no arquipélago. Seus horizontes ampliam-se assim cada vez mais. Apesar de suas diferenças, de forma genérica.

Quando regressam, se regressam, já encaram a vida por um prisma diverso, surgem novos padrões de comportamento diante da esfera social, resultados da mescla de culturas vividas na diáspora. A formação da identidade do sujeito se dá de maneira fragmentada, como afirma Stuart Hall (p. 13, 2006), constitui-se em uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais os sujeitos são representados ou interpelados nos sistemas culturais que os rodeiam. A interação social diaspórica permite a construção de um sujeito híbrido que não abandona suas raízes, mas não ignora novas tendências da sociedade em que está inserido.

Ao contrário de Ivone Aída, sua irmã, Orlanda Amarílis traz em seus contos personagens femininas que exemplificam essas vivências diaspóricas, enfatizando os cotidianos das mulheres que emigram, sobretudo para Portugal (a exemplo de sua biografia). O modo como compõe as personagens nos mostra que o sentimento de pertencimento a Cabo Verde permanece forte entre os emigrados. O fato de a própria autora viver esta realidade lhe concede autonomia maior para descrever esse cotidiano feminino, por vezes de exílio e solidão, por vezes rico de experiências citadinas globais das mulheres cabo-verdianas na diáspora. Observe-se o mote que antecipa o conto *Laura*, da coletânea **A Casa dos Mastros** (1989):

Se adivinhasse o que estava para me acontecer, por certo teria adiado o meu encontro com a Laura. Foi a melhor amiga dos tempos do liceu em Cabo Verde e, mesmo aqui em Lisboa, a nossa amizade perdurou. Sempre gostou de me pregar umas partiditas, e a última foi, decerto, a mais bem concebida: o nosso encontro na Praça de Londres. (AMARÍLIS, 1989, p.75)

Orlanda Amarílis colocará em cena, no texto literário, as cabo-verdianas radicadas, sobretudo, na antiga metrópole de colônia, Lisboa, que tem atraído desde os anos sessenta do século XX levas de emigrados do arquipélago. Seja em busca de prover a sobrevivência do agregado familiar, seja por força da formação escolar ou exercendo atividades econômicas no comércio (para enviar o lucro para a terra-mãe), as mulheres cabo-verdianas emigram cada vez mais.

A relação de gênero em Cabo Verde, no entanto, acaba por ser muitas vezes reproduzida nos países de acolhimento como, por exemplo, a noção de família alargada (GRASSI, 2007, p. 51) e a atribuição de maiores direitos sobre os rendimentos familiares aos homens do que as mulheres (Ibidem, p. 48).

Essas mulheres que migram, em contraponto às mulheres que ficam (diáde trabalhada na literatura, pelas irmãs Orlanda Amarílis e Ivone Aída Ramos), “tornam-se mediadoras culturais entre o lugar de origem e o mundo externo” (GIUFFRÈ, 2007, p. 194), podem introduzir no arquipélago inovações tecnológicas: de moda, de modelos de feminilidade, de relações de gênero, pois que a mobilidade lhes atribui prestígio e poder econômico.

Resta ainda ressaltar que, segundo Giuffrè (Ibidem, p. 198-199), a emigração masculina sempre se caracterizou pelo périplo ou trânsito, ao passo que a feminina tende à inserção, radicando-se as mulheres ao contexto de

acolhimento, mesmo que voltar à ilha cabo-verdiana seja a sua intenção inicial. A terra de origem representa, sobretudo, um lugar de “representação simbólica” para as emigradas, um ponto de referência na percepção de experiência migratória (Ibidem, p. 201).

As mulheres emigradas se dividem, muitas vezes, entre a “mulher realizada” segundo padrões femininos cabo-verdianos e também no projeto migratório, e a mulher discriminada, como nos revelará Orlanda Amarílis.

Diante de todos os aspectos apresentados sobre as características dos cotidianos das mulheres cabo-verdianas que permanecem nas ilhas e as que lançam voos além-mar para a diáspora, podem ser traçados, a partir dos textos literários produzidos pelas autoras estudadas, dois percursos ímpares na busca de melhores condições econômicas e sociais, mas que não acabam por alterar profundamente a base das identidades femininas cabo-verdianas. Mesmo as mulheres que podemos considerar integradas na diáspora, como a personagem feminina de Amarílis que reside em Lisboa, esposa de um marido de alto gabarito (1989, p.77), têm como referência de paz interior e tranquilidade os ares das ilhas:

O trânsito na Avenida de Roma não era caótico, mas perturbou-me. Estava necessitada de umas férias. Férias em sítio onde a vida fosse serena e pausada. Sem este alarde das buzinas, sem a peçonha dos mata ratos a pairar no ar. Fugir por umas semanas desta loucura de Lisboa depois das dezoito horas. Tomar um avião para o Sal e ali uma avioneta para o Mindelo ou Praia ou S. Nicolau. (AMARÍLIS, 1989, p.80)

Por meio da escrita literária de Ivone Aída que imprime na construção de suas personagens femininas elementos pertinentes a vivências insulares, observamos o quanto às responsabilidades das mulheres que herdaram uma numerosa família para sustentar, após a emigração de seus maridos, podem tornar mais lentas as suas perspectivas de emancipação e equidade de gênero.

Driblar as dificuldades impostas pelo solo cabo-verdiano através do pequeno comércio agrícola, do trabalho em construção e obras, da labuta diária com os serviços domésticos torna-se uma batalha rigorosa que as mulheres conciliam com a responsabilidade pela manutenção do patrimônio imaterial do arquipélago. Mas constatamos que, mesmo com todos os impasses, uma parcela da população feminina cabo-verdiana tem conquistado espaços no mercado de trabalho e o devido reconhecimento econômico e político, embora numa sociedade patriarcal e machista instalada.

Percebemos nos contos de Ivone Aída Ramos, com um olhar constantemente voltado para o passado, a visibilidade dada aos percursos dessas mulheres dentro das ilhas rumo à transformação (ou não) de seus papéis sociais e políticos. Permeada pelos sentimentos de saudade e indignação, sua escrita denuncia os cotidianos femininos limitados ao espaço privado, mas aponta algumas ações femininas para escapar dessa situação.

Na diáspora, mulheres que desbravam o espaço global, buscando posição dentro da sociedade de acolhimento em defesa, muitas vezes, de muitos que contam com sua ajuda nas ilhas, e ao mesmo em que tempo lutam contra a discriminação dupla (de gênero e de imigração), são representados na obra de Orlanda Amarílis por perfis de coragem e determinação. O exemplo de Luna Cohen que mesmo declarando-se judia, afirma-se mentalmente como cabo-verdiana, comprova essa coragem de, mesmo na diáspora, enaltecer sua identidade insular:

Professor Kanh sempre a falar de Israel, Professor Grubber no mesmo. Você sabe, eu também sou judia, no entanto, mentalmente sou cabo-verdiana. Por vezes fico bloqueada com as conversas deles, compreende? (AMARÍLIS, 1983, p.57)

Abordando temas como as identidades femininas, a recuperação dos laços de pertencimento pela memória, os cotidianos das mulheres nas ilhas e na diáspora, ambas as autoras promovem um diálogo, recortando fatos que compõem o dia-a-dia feminino e costurando-os dentro de seus contos de maneira crítica. A escrita literária permite dar visibilidade a vozes sociais de sujeitos femininos que se movimentam, por vezes, silenciosamente dentro dos espaços cabo-verdianos insulares ou globais, e o mais das vezes em posições de marginalidade. Michel de Certeau (2007, p. 44) afirma, a propósito:

A figura atual de uma marginalidade não é mais a de pequenos grupos, mas uma marginalidade de massa: atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que, no entanto pagam, comprando-os, os produtos-espetáculos onde se soletra uma economia produtiva. Ela se universaliza. Essa marginalidade se tornou maioria silenciosa.

Situações de submissão, violência, resistência, nostalgia e prazer são detectadas nos contos de Ivone Aída e Orlanda Amarílis, seja no espaço insular, seja na diáspora, permitindo-nos verificar, no discurso literário, como as relações sociais impactam as formas de agir e pensar dos sujeitos femininos naqueles

contextos denotando, ao final, sempre uma “maneira de ser e fazer” cabo-verdiana, mesmo que silenciosa ou “invisível”.

Piedade, personagem do conto Thonon les Bains, da coletânea **Ilhéu dos Pássaros**, de Orlanda Amarílis, ao executar o torno – dança que compõe o auge do ritual tradicional cabo-verdiano chamado batuque, junto aos amigos participa de uma festa típica crioula com pratos e músicas de Cabo-Verde, evidenciando sua criouldade crioula na diáspora:

No dia dos anos de Gabriel resolveram fazer uma festa em casa dos dois amigos, aqueles tchês de Santanton espavoneados com o gira discos novo. Convidaram os amigos do Gabriel, veio uma cunhada de Mochinho casada de pouco tempo com um da Suíça, um moço de vinte e quatro anos trabalhador numa herdade e ainda duas sampadjudas empregadas também num bar da Suíça [...]

Não se sabe onde descobriram bananas verdes, mas houve caldo de peixe com batata doce e banana verde reforçado com malagueta. Jeans sentia-se desconfortado, nada habituado ao sabor forte a alho e cebola [...]

Mochinho empurrou a cama para a parede. Trouxe o pick-up e colocou-o sobre a mesa de cabeceira. “Vamos fazer uma picapada?” [...]

Entremearam musica americana com sambinhas e coladeiras. Foi um rodopio sem parar. Quando deu para descansar o moço badio sentou-se na cama pôs um travesseiro entre as pernas e começou com as mãos em batidelas secas e ocas a fazer a toada da tchabeta [...]

Piedade, numa euforia nunca vista, agarrou uma toalha de rosto, atou-a abaixo da cintura e rebolou as ancas. “Oi povo, vamos dar com o torno”, gemia ela. “Oh, nha guente, nô dá com cadeira!” (AMARÍLIS, 1983, p.22)

O caldo de feijão com batata doce e banana verde, bem temperado une-se às coladeiras congraçando de badios (originários da ilha de Santiago, Sotavento) e sampadjudos (originário da ilha de São Vicente, Barlavento). A protagonista da cena, Piedade, que mesmo residindo na França, não esquece a identificação feminina cabo-verdiana simbolizada pelo “dar com o torno” (rebolar as ancas) e pelo uso da língua materna (o crioulo).

Simone Caputo Gomes sublinha que sob o ponto de vista cultural, em meio a diversidade insular, a língua crioula, a culinária, a literatura de expressão portuguesa e a música constituem importantes fenômenos unificadores (2008, p.147). Simbolizando um ato de liberação e resistência, o batuque da Ilha de Santiago é descrito como um grito africano, de mulheres tocando percussão nas

coxas, com panos e bolsas de plástico (Ibidem). Seu espaço tradicional é o terreiro: o pátio interior ou as traseiras da casa onde as mulheres se sentam em círculo, com as dançarinas no centro, cantando e dançando até altas horas da madrugada. Neste momento as mulheres exprimem livremente o que sentem e extravasam o que as atormenta e também as alegra.

Realizar este ritual na diáspora é uma forma de afirmação identitária e étnica das mulheres cabo-verdianas, sendo que o batuque congrega significados diferenciados na sociedade de acolhimento. Enquanto para o emigrado é um ritual de afirmação, para o público ocorre fundamentalmente pela sua dimensão de espetáculo.

Assim, apostando no devir, as mulheres retratadas nos contos apostam nas pequenas lutas diárias como horizontes de novas realidades menos opressoras. Buscar a transformação potencializa o que Ernst Bloch (2005) propõe como o “princípio esperança”, pelo qual o ser humano supera subjetivamente o real. Logo, quando desbravam os mares, empunham a enxada, dançam o torno (batuque) produzem literatura ou desafiam espaços políticos, as mulheres cabo-verdianas voltam-se para o mundo no sentido de ultrapassar o curso dos acontecimentos que as limita em suas emancipações e realizações.

A identificação dessa postura, a nosso ver, só é possível por meio do estudo do cotidiano, a partir do qual, segundo Sonia Maria Santos (2009), pode-se subverter a ordem de antigos moldes. A experiência diária reforça o jogo da vida ao incorporar em suas práticas o acervo da resistência construída no árduo terreno da (aparente) submissão.

A história das mulheres cabo-verdianas se escreve por meio de pequenos atos, quase invisíveis, diários e repetitivos que, juntos, forjam novos sujeitos, ativos na construção da sua história. O estudo do cotidiano feminino por meio da descrição das personagens literárias, do ambiente em que se inserem e das referências culturais a elas associadas possibilita delinear como os papéis representados pelos sujeitos femininos na sociedade cabo-verdiana (insular ou global) constroem os seus futuros, o que, nos textos literários pretendemos examinar.

3. No fio da esperança constroem-se Identidades: a esperança concreta de Ernst Bloch

A estrada desejada, com a paisagem para a qual ela leva, sendo estrada da esperança, não é mais rica, mas evidentemente é mais preferida e movimentada do que a estrada indesejada ou do medo – ao menos para as gerações que almejam passar da escuridão à claridade.

Ernst Bloch

A produção literária de Ivone Aída e Orlanda Amarílis apresentada nos primeiros capítulos dessa pesquisa sob o ponto de vista da condição social das mulheres na sociedade cabo-verdiana ilhoa e diaspórica, permite-nos entrever o quanto as resistências cotidianas, por vezes invisíveis, podem operar a construção de um trajeto libertador rumo à emancipação econômica e cultural das mulheres.

Na perspectiva de elucidarmos a construção da identidade feminina cabo-verdiana marcada pelos deslocamentos espaciais, sociais e identitários, torna-se pertinente refletir criticamente sobre a maneira como as mulheres, tanto as habitantes do arquipélago, quanto as espalhadas por nações de acolhimento na diáspora, nutrem desejo de transformação da realidade, aspecto evidenciado nas narrativas de ambas as autoras.

A condição social dessas mulheres é representada muitas das vezes pelo sentimento de exílio, seja em seu próprio país privadas de condições dignas de sobrevivência ou reconhecimento social, envoltas numa intensa solidão espiritual enquanto mantêm o sustento de suas famílias, e na diáspora, quando, sós, também buscam alternativas para romper com as dificuldades do cotidiano que as relega a trabalhos subalternos e a discriminações que não as respeitam como cidadãs.

Ivone Aida por meio da descrição do ambiente rotineiro em que se insere a protagonista Laura, do conto A Exilada, tematiza o sentimento de solidão que acomete a personagem:

Laura vivia isolada no seu retiro. A paisagem era sempre a mesma e os anos iam passando na mesma rotina de sempre. Era ela quem tratava

da avó já velha e dos irmãos mais novos, da casa e duma irmã doente. A vida já não era tão próspera para aquele cinquentenário e o novo casamento (do pai) não lhe trouxera muita felicidade. (AÍDA, 2005, p.56)

Restrita às atividades do espaço privado do lar, seu “retiro”, Laura assume a direção e as responsabilidades da casa, abandonadas pela madrasta.

Observando a personagem como representante da situação social feminina vigente por muito tempo em Cabo Verde, por este ângulo, tem-se a impressão de que não são propostas saídas e que a vida dessas mulheres resume-se a resignação e obediência, sem perspectivas reais de transformação de seus destinos. Mas, mesmo em meio ao sofrimento, o sujeito subalternizado pode exercer ações de resistência, indiretamente.

Pensando as mulheres, em semelhante contexto, como sujeitos subalternos, no sentido descrito por Spivak, podem perceber que a maioria pertence a

camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no extrato social dominante. (SPIVAK, 2010, p.12)

A produção literária das autoras, enquanto intelectuais pós-coloniais, revelam situações cotidianas dos espaços femininos no sentido de denunciar realidades silenciadas e de dar voz a essa camada da sociedade cabo-verdiana que anseia à transformação de suas situações sociais. A tarefa do intelectual pós-colonial, segundo Spivak (2010, p.14) “deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido”.

A personagem Laura, de dentro de seu “exílio”, busca o espaço do sonho, da viagem, como forma de micro-resistência:

Os anos continuavam passando na mesma rotina. Laura cantava mornas dolentes, fazendo o acompanhamento com o bater compassado numa lata vazia, chorando esse exílio forçado, sem futuro com os seus dezenove anos. Ao longe via-se o vulcão do Fogo, imponente e majestoso e, por vezes, vislumbrava um ou outro navio navegando no mar azul, não sabia a caminho de onde. Só ansiava partir e queria partir. Eis que uma tia que a criara pediu ao pai para deixar passar umas férias com ela. (AÍDA, 2005, p.58)

Neste sentido, ao ficcionalizar a subjetividade e os diversos papéis informais desempenhados por mulheres que permaneceram em Cabo Verde ou emigraram, Ivone Aída e Orlanda Amarílis, de certa forma, acabam refletindo em suas produções parte de sua experiência pessoal, temporal, espacial e social enquanto cidadãs cabo-verdianas.

Encarando esteticamente o texto como possibilidade de transfiguração ou representação de uma experiência do escritor entendemos que, Orlanda Amarílis “procurou recriar metafórica e metonimicamente a pátria e sua gente, numa espécie de ‘espelho contra a vida’ para, mediante uma postura crítica, desvendar valores da identidade nacional” (TUTIKIAN, 1999, p.11).

Considerando que Orlanda vive na diáspora, em Lisboa, seus contos ultrapassam os limites do simples relato de acontecimentos do cotidiano insular, tecendo com desenvoltura, representações das cabo-verdianas emigradas urbanas, que, no entanto demonstram constante nostalgia pela pátria-ilha e seus familiares. Por exemplo, sua personagem Piedade, do conto Thonon-Les-Bains, mesmo estando noiva de um francês, Jean, e morando na França ainda sente saudade do jeito badio dos homens cabo-verdianos:

Não era por acaso a falta de notícias da filha. Andara muito influída com a ideia do casamento, mas ultimamente esmoecera. Jean era bom, era seu amigo, mas começou a pensar na sua idade e na dele, começou a pensar na seriedade do Jean, na sua maneira de tratar tudo tão a sério. Deitava contas à vida, calculava todos os francos para isto e para aquilo e ela começou a perder paciência para aquelas conversas. (...) E depois, aquele moço da Ribeira da Barca, badio de pé rachado, vinha todas as tardes com o transistor e aí começavam a dançar os dois, a fazer partes, a cair para frente para trás, a dar voltas e a mornar. Jean ficava na ponta da cama, sorria. Não gostava de dançar, preferia ver as dengosices da Piedade e o Maninho a segurá-la em meias voltas inesperadas, parecia um vime tocado pela brisa. (AMARÍLIS, 1983, p.21)

Já as narrativas de Ivone Aída, caracterizadas por sua irmã Orlanda no prefácio da coletânea **Vidas Vivas** (1990, p.) como “registros de um tempo próximo, de vidas desventuradas, de criaturas simples no estar e nos anseios”, permeados por recordações das muitas situações pessoais e de informações sobre a cidade do Mindelo, em que viveu grande parte de sua vida, trazendo à tona os desafios cotidianos de mães, tias, avós, adolescentes no árido chão insular.

O trabalho intelectual das autoras, na representação dos dilemas das mulheres cabo-verdianas encaradas como sujeitos subalternos, ilumina a diversidade subjetiva de anseios, aspirações e ações a partir das personagens que buscam a transformação de seu cotidiano. Dessa maneira, exercem o papel de agentes sociais na vanguarda de uma sociedade patriarcal. Nesta perspectiva, refletiremos, com Spivak, sobre a importância do papel de Ivone Aída e Orlanda Amarílis como intelectuais que criam espaços e condições de representação para as mulheres cabo-verdianas na ilha e na diáspora:

Ao refletir sobre a história das mulheres indianas e da imolação das viúvas, Spivak aborda o lugar intrincado e inquietante ocupado pelas mulheres no contexto pós-colonial. E mais, ao relatar a história de uma jovem indiana que não pode se autorrepresentar e, logo, não pode “falar” fora do contexto patriarcal e pós-colonial, **Spivak exemplifica seu argumento de que o subalterno, nesse caso em especial, a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir. É, principalmente, à mulher intelectual que seu apelo final se dirige – a ela caberá à tarefa de criar espaços e condições de auto representação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual.** (SPIVAK, 2010, p.15, grifos nossos)

Reconhecer outros valores, não visíveis porque não hegemônicos, permite-nos mapear nos contos propostas de identidades femininas plurais, muitas vezes silenciadas por um essencialismo que convinha à ideologia subjacente e aos constructos patriarcais e que nivelava todas as subjetividades femininas num redutor conceito de “Mulher” universal. Segundo a linha feminista da hermenêutica dos cotidianos das mulheres, todos os conceitos devem ser historicizados, sendo as interpretações

provisórias, porém críticas de modo a descortinar sentidos implícitos à margem do normativo e do institucional, que podem ser vislumbrados por entre linhas ou nos intervalos intertextuais, de certa forma sempre subversivos da ordem, do permanente, cuja existência negam (DIAS, 1994, p. 375).

Esta pesquisa busca reconhecer nos contos: “A casa dos Mastros”, “Maira da Luz” (1989) e “Luna Cohen” (1983) de Orlanda Amarílis e “A Exilada” (2005), de Ivone Aída certos comportamentos cotidianos femininos que demonstram o desejo pela mudança e a potencialidade das forças em direcionar-se neste sentido, em contraponto a ordem permanente e universal.

Para tanto recorremos ao conceito de “esperança concreta”, proposto por Ernst Bloch em **O Princípio Esperança** (2005), obra dividida em três volumes, na qual expõe um longo inventário daquilo que, sob a forma de sonhos e utopias, é portador de esperança, sendo “os sonhos de uma vida melhor” o tema principal de toda sua produção. Ernst Bloch ampliou o significado de utopia, identificando-a como uma força de transformação, um alicerce da esperança crítica presente na história da humanidade.

Bloch sendo eficiente ao refutar as concepções idealistas, propõe que o futuro aguardado deve levar em conta o presente das experiências, movido pela esperança concreta que não se esgota em uma realização particular, mas estimula constantemente a ação do homem que constrói o futuro:

A concepção e as ideias da intenção futura assim caracterizada são utópicas, mas não no sentido estreito desta palavra, afirma Bloch, definido apenas pelo que é ruim (fantasia emotivamente irrefletida, elucubração abstrata e gratuita), mas justamente **no novo sentido sustentado do sonho para frente, da antecipação. Assim, portanto, a categoria do utópico possui, além do sentido habitual, justificadamente depreciativo, também um outro que de modo algum é necessariamente abstrato ou alheio ao mundo, mas sim inteiramente voltado para o mundo: o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos** (BLOCH, 2005, p. 22, grifos nossos).

Antonio Rufino Vieira, no artigo **Princípio esperança e a “herança intacta do marxismo em Ernst Bloch”** (2000), afirma que,

segundo a linha de reflexão de Bloch, a utopia não é algo fantasioso, simples produto da imaginação, mas sim possui uma base real, com funções abertas à reestruturação da sociedade, obrigando a militância do sujeito, engajado em mudanças concretas, visando à nova sociedade. (VIEIRA, 2000, p.02)

Para Bloch (2005), a esperança se manifesta no próprio movimento do sujeito para o ainda-não-consciente confrontado com os antagonismos e contradições do presente, sendo neste confronto que se confere concretude a esperança. Somente nas próprias contradições históricas da humanidade pode-se encontrar o conteúdo desta esperança, e não em uma transcendência. É pertinente esclarecer que,

a esperança por si só não é garantia para o surgimento do novo, porque ela deve ser baseada em um processo transformador, o qual é identificado como o otimismo militante. Donde se pode inferir que, se o futuro não é algo que passivamente deve ser esperado, há um elemento que intervém na esperança orientando-a: a razão. A razão não

consegue florescer sem a esperança, a esperança não consegue falar sem a razão (BLOCH, 2005, vol.III, p. 453 apud, VIEIRA, 2000, p.06).

Observamos que as personagens femininas dos contos analisados estão conscientes de sua situação social, demonstrando o sentimento de esperança permeado pela razão, que as move em direção à transformação do seu cotidiano.

Desta forma, a posição ocupada pelas mulheres cabo-verdianas, tanto as que permaneceram nas ilhas como as que partiram para a diáspora já esteve por muito tempo restrita ao labor diário na garantia dos sinais vitais dos seus agregados, e cada uma das personagens dos contos citados cumpriu este papel, contudo sem abandonar o desejo de romper com aquela situação. Mesmo vivendo situações que parecem insolúveis aos olhos de uma sociedade patriarcal e machista, ousam questionar o presente e questionar-se quanto a um futuro diferente.

Consideramos a esperança concreta como um sentimento mobilizador de práticas transformadoras das condições opressoras da sociedade, frente aos discursos fatalistas. Por meio dele, o ser humano consegue ampliar sua compreensão do real, visualizando de maneira antecipatória uma nova realidade.

A personagem Violete, no conto “A Casa dos Mestros”, por exemplo, descrita por Orlanda como “uma mocinha que se tornará uma mulher amarga, dura e incompreendida” (1989, p.44) ousou questionar a ordem das coisas. Morava com o pai nhô Jul Martins e a madrasta D. Mandinha. Preenchia seus dias devorando romances, solitária, à espera que seu noivo Augusto voltasse a procurá-la. Porém, mesmo acostumada com a postura do pai adúltero e da madrasta resignada, surpreendentemente, em meio a um jantar, expõe toda sua indignação diante da postura de ambos. Explode e, num rompante de fúria, grita ao mundo que existe:

O pai levantou-se da mesa sem ter acabado de comer. “Raios, isto parece um chiqueiro!”, murmurou entre dentes. Dirigiu-se ao bengaleiro, agarrou a bengala encastada em prata, o chapéu de palhinha e foi caminhando para a porta. A mulher levantou-se também. Ainda tropeçou na cadeira ao tentar agarrar o marido. Estava trêmula. Ele acabava de soltar uma blasfêmia. [...] Correu e pôs-se ao lado da madrasta. Junto à porta parou para respirar. D. Maninha ainda deu dois passos. O marido então levantou a bengala. Devia estar fora de si. Pondo-se na frente do pai, Violete arrancou-lhe a bengala das mãos. Olhou-o com firmeza e esperou. E disse: eu grito pelo povo!

A madrasta parou junto do marido e segurou-o pelas bandas do casaco de caqui. Um arrepio percorreu Violete da cabeça aos pés. Voltou-se para a madrasta e, numa fúria, bateu-lhe com a bengala uma, duas, mais vezes, nos ombros, à toa. O pai não a conseguiu dominar.

Porquê esse imprevisível e desnecessário comportamento? Porquê? Porquê o ódio desbotado, a sanha de virgem conventual, esse desassossego de raiva?

A madrasta jazia no chão. Saltou por cima dela, correu para a porta, abriu-a e bradou: “Eu grito, ouviram? Eu grito!”

Já se encontrava na rua e num histerismo inesperado clamou: Oh povo! Oh povo!

De um salto o pai agarrou-a por um braço, meteu-a dentro de casa e fechou a porta. (AMARÍLIS, 1989, p.45-46).

Num primeiro momento, Violete revela-se solidária à madrasta tomando a bengala do pai em sua defesa e demonstrando combate à ideologia patriarcal da sociedade cabo-verdiana com relação ao perfil masculino: o pai, nhô Jul Martins era viril, chefe da casa, casado pela segunda vez e mantenedor de casos extraconjugais:

Violete sabia de Pantcha. Soubera-o em casa da Bia Vitoria. Não era a primeira. Outras tivera o pai, mas ia-as largando. Ou elas largavam-no. Por acaso Bia cometera a imprudência de acrescentar. “Dezide o teu pai grita para todo o mundo ouvir quando faz aquela coisa.” Violete voltou-lhe as costas e perdeu a sua melhor amiga desde essa manhã. (AMARÍLIS, 1989, p.45)

A madrasta, D. Maninha, consolida o estereótipo feminino tradicional, marcado pela exploração e pelo servilismo ao homem:

Cortada a tesoura o buço de D. Maninha, o rosário de ave-marias perdidas nas mãos domésticas da sua dona, o dessabor do seu corpo mole. Onde as danças lúbricas de longas noites, o gosto áspero do mel novo, a cama rangendo alheia a outros sinais, o corpo sedento dando-se, arfando em comunhão de benções, recebendo seiva, oferecendo langores e dessedentação? (AMARÍLIS, 1989, p.45)

Contudo, Violete recusa-se a compartilhar da atitude da madrasta, subvertendo o monologismo da voz patriarcal que preserva gêneros hierarquizados e estereotipados, voltando-se contra ela. Ao gritar pelo e para o povo, a protagonista rompe seu silêncio e abandona a imagem frágil, obediente e domesticada que o conceito universal de mulher atribui.

Ao clamar pelo povo, a personagem, aponta para um futuro além do domínio patriarcal, em que a voz feminina tem espaço público e as mulheres não serão tratadas apenas como objeto, mas como sujeitos de direitos que devem ser

respeitados, anulando assim, a autoridade que o homem exerce sozinho sobre o percurso da vida da mulher e o destino dos filhos, tornando-se uma relação compartilhada.

Mesmo que ainda não consciente, a atitude da personagem é movida pelo sentimento de esperança como instrumento objetivo, que a ajuda a superar o medo das consequências de um possível ato libertador, além de ajudá-la a superar a atitude niilista de negação do mundo (VIEIRA, 2000, p.07). Como Bloch esclarece: “a esperança anima todo e qualquer movimento social dos oprimidos, pois eles sabem que algo melhor é possível” (BLOCH, 2005, vol. I, p.18)

Na medida em que anima o sujeito, a esperança também lhe permite descobrir o novo, não como mera observação, mas no sentido de que altera radicalmente os valores da vida anterior que são transformados com a descoberta. A personagem naquele momento expande-se, expõe-se e revela ao mundo outra face de sua personalidade.

Violete, ao gritar, inicia seu processo de resistência contra as convenções sociais que consideram a passividade feminina e a autoridade masculina, como categorias universais inerentes a cada gênero. Engajar-se no pensamento do que é justo, é uma determinação que precisa persistir mais do que nunca (BLOCH, 2005, vol. II, p. 174) e a personagem direciona-se neste sentido, quando age contra as atitudes do pai e da madrasta, apontando para a superação das barreiras da opressão e da alienação:

A esperança aparece nas mínimas atitudes humanas (mesmo naquelas em que o sujeito, conscientemente, não aceita mudança): na busca da alimentação, do vestuário, da habitação, do direito ao trabalho, buscando-se atingir uma sociedade verdadeiramente humana (questão central da ética material da vida). (VIEIRA, 2000, p.05)

A partir dessa perspectiva, a atitude de Violete contribui para a construção de uma sociedade verdadeiramente humana, no respeito à mulher pelo homem, seja ela filha, irmã, mãe ou esposa.

No capítulo Descentrando o sujeito, do livro **A identidade Cultural na pós-modernidade**, Stuart Hall esclarece que a Sociologia,

localizou o indivíduo em processos de grupo e nas normas coletivas as quais, argumentava, subjaziam a qualquer contrato entre sujeitos individuais. Em consequência, desenvolveu uma explicação alternativa

do modo como os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas; e inversamente, do modo como os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos neles desempenham, essa “internalização” do exterior no sujeito, e essa “externalização” do interior, através da ação no mundo social, constituem a descrição sociológica primária do sujeito moderno e estão compreendidas na teoria da socialização. (HALL, 2006, p.33, grifos nossos)

De acordo com o exposto por Hall, a passividade e obediência de Violete por todos aqueles anos podem ser entendidas como uma interiorização dos *modus vivendi* da sociedade patriarcal em que estava inserida, o que fundamenta a aceitação pela personagem daquela situação, mesmo nutrindo dentro de si o desejo pela mudança.

Neste ponto, concordamos com Stuart Hall ao expor os avanços no pensamento moderno sobre as tradições marxistas, que, mesmo pertencendo ao século XIX, foram reinterpretadas na década de sessenta sob a luz da afirmação de Marx: “os homens (sic) fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes forem dadas” (MARX apud HALL, 2006, p.34). Os novos intérpretes da teoria marxista leram isso no sentido de que

os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os ‘autores’ ou os agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores” (HALL, 2006, 34-35).

Logo, o indivíduo de modo singular, por meio de suas relações sociais, é considerado um sujeito histórico, e pode edificar bases para o desenvolvimento e transformação de sua realidade. Desta maneira, “o sujeito do iluminismo visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito do pós-modernismo” (HALL, 2006, p.46).

A protagonista do conto de Orlanda Amarílis age em consonância com este postulado, pois sua manifestação se converte em uma participação social no combate à discriminação e à inferiorização das mulheres cabo-verdianas instauradas por muitos anos de domínio colonial e patriarcal. Ao abandonar sua introversão e sair em defesa da madrasta, Violete prova que, mesmo vivendo relações sociais de submissão, o indivíduo a qualquer momento tem o poder de ser autor e agente de uma nova história.

Em “A Exilada”, conto que compõe a obra de mesmo nome de Ivone Aída (2005), também podemos observar na personagem Laura o desejo por mudança em sua realidade social.

Laura inicia sua trajetória de emigração interilhas a partir dos cinco anos de idade, quando, junto à família, vai morar na casa de seus avós, após a morte da mãe. A narradora personagem vai rememorando histórias que trazem em seu bojo as tradições religiosas, aspectos culturais, o cotidiano, as relações entre existência e morte, solidão e exílio. Ao longo da narrativa percebemos grande sentimento de frustração de Laura com relação às suas realizações na adolescência:

O interior as ilha apareceu-lhe como se o tempo não tivesse passado e os anos decorridos ali tivessem sido apenas um sonho fugaz que lhe dava por vezes a sensação deliciosa de uma adolescente e, por outro lado, um sabor amargo por ter perdido tanto tempo da sua juventude sem ter podido ao menos realizar os seus sonhos de moça (AÍDA, 2005, p. 25)

O conto representa a trajetória da menina que se torna mulher e todos os conflitos internos que permearam seu amadurecimento, principalmente a sua insatisfação com a vida que levava. “*Será que estou destinada a andar de lá para cá e vice-versa, viajando em barcos à vela, sofrendo os tormentos de viagens com fome e sede*”? *Era assim a sua sina* (AÍDA, 2005, p.58). Neste trecho é possível perceber a constante tensão da personagem entre o estável e o movimento, entre o tempo presente como um exílio e o futuro como incógnita, o que nos leva a refletir sobre a construção da identidade feminina cabo-verdiana em trânsito:

Após meses em S. Vicente, uma outra tia disse-lhe, ‘Laura, tens de ir para S. Nicolau, precisa mudar de ares. Não tenho marido, não te posso sustentar.

Laura trabalhava em costura em casa de uma modista e ganhava apenas vinte e cinco tostões por dia, menos as tardes de sábado, domingos e feriados. Era tão pouco. Para comprar sapatos, a tia fez uma subscrição junto à família para obter o suficiente para esse fim. Não teve alternativa e mais uma vez lá ia ela metido num navio à vela a caminho de S. Nicolau. Uma vida de exilada, errante era o seu destino. (AÍDA, 2005, p.58)

A construção dos significados culturais pelas mulheres cabo-verdianas vai sendo tecida subjetivamente no drama de seus cotidianos. Para Stuart Hall,

à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (2006, p.13).

De certa forma, o constante deslocamento de Laura entre as ilhas, ora na casa de uma tia, ora de outro parente, devido a dificuldades econômicas do pai, permitiu-lhe confrontar uma diversidade de realidades e sujeitos, chegando à conclusão de que não desejava aquela vida de exilada.

Considerando ainda que a identidade é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não é inato ou existente na consciência no momento do nascimento (HALL, 2006, p.38), a orfandade, a saída do colégio, as frequentes viagens, a observação dos comportamentos das mulheres da família, tudo contribuiu para a construção da identidade de Laura, que se assemelha à de muitas mulheres cabo-verdianas que não partiram para a diáspora.

Percebemos que a personagem delineia uma nova identidade, que não se conforma com a rotina rural, perfil aceito pelas mulheres da família ao longo dos anos, apontando para uma identidade que seja desafiada por novas experiências além do espaço privado. Como afirma Bloch (1949, p.483) a esperança encontra-se no limiar da insatisfação do homem perante a sua condição histórico-social:

Os anos continuavam passando na mesma rotina. Laura cantava mornas dolentes, fazendo o acompanhamento com o bater compassado numa lata vazia, chorando esse exílio forçado, sem futuro com os seus dezenove anos. (AÍDA, 2005, p.58)

Entretanto, mesmo sem saber o que fazer para transformar aquele cotidiano restrito, a personagem demonstra sentir a incerteza de uma vida feliz naquele lugar, que fora marcado até o momento, pela pobreza e solidão. Esta insatisfação consigo mesma faz com que Laura se oriente para o futuro e que desponte em seu coração um princípio de esperança pelo ainda não-ser, que já significa um engajamento para a real e possível concretização de seus sonhos:

Contava histórias em sua mente juvenil sem poder contá-las por escrito. Vivia sempre isolada e triste em seu retiro, com a paisagem habitual a enfeitar o seu mundo (...). Nos anos de solidão, com os velhos livros por companhia, as flores, as histórias de Pedro Ca Ta Medo e de Nha Bedja Feiticeira, aprendendo a cantar o finaçom e a dizer adivinhas, lá ia o tempo passando. **Era preciso partir de novo. Ali o seu futuro era incerto. De novo viu-se a bordo dum navio à vela. Era preciso**

amargar mais uma vez uma viagem por mar, desejava que fosse a última. (AIDA, 2005, p.60, grifo nosso).

Quando criança os dias no sítio eram uma constante surpresa e já na adolescência aquele ambiente tornou-se um retiro para Laura, pois a cada dificuldade econômica, a família se deslocava pelas casas dos parentes. Em meio a esta rotina itinerante, a protagonista revelava-se angustiada e ansiosa por uma mudança que garantisse seu futuro, percebia que no presente nada estava fazendo para a construção de uma vida diferente na fase adulta:

Depois de muitos anos em que o seu tempo de moça fora preenchido pela leitura de inúmeros livros, pensava: 'Gostaria de saber escrever, seria tão bom passar para o papel tudo o que a imaginação de adolescente acalentava'.

Sonhava acordada e quantas histórias lhe perpassavam pela mente, onde estaria o papel para escrever. Dinheiro não tinha. Na altura apenas aprendera a costurar sozinha os vestidos de pano barato, até fez umas chinelas de trazer por casa com sola de madeira, pois o pai andava em dificuldades. Com a crise o pouco que arrecadava era só para a comida. (AÍDA, 2005, p.59)

Toda a narrativa é permeada pelos sentimentos de indiferença e esperança. Contudo consideramos a esperança soberana a angústia, no sentido de que frustra o medo. A esperança é, em última análise, para Bloch um afeto prático militante. Ela desfralda bandeiras. Quando há da esperança surge a *confiança*, presentificando o *afeto expectante que se tornou absolutamente positivo*, o polo oposto do desespero (BLHCH, 2005, p.114).

Para reconhecermos essa insatisfação da personagem como uma aspiração pela transformação social em sua realidade, torna-se necessário compreender como um estado subjetivo pode relacionar-se com o ainda não acontecido. O sonho potencializa as possibilidades de transformação da realidade, por meio dele nasce o sentimento de esperança no indivíduo.

Questão central do pensamento blochiano é compreender a importância da esperança, enquanto caráter subjetivo, no movimento objetivo da história.

Se a esperança é o princípio pelo qual o homem supera subjetivamente o real, ultrapassando-o no momento que permite a tensão para o futuro, isto não significa afirmá-la como princípio abstrato; embora seja um 'vivido' subjetivo, o futuro deve ser construído objetivamente sobre condições históricas. (VIEIRA, 2000, p.5-6)

Analisando o presente e o passado de sua trajetória e consequentemente, as condições históricas em que se inseria, Laura movida pela esperança, projeta-se para o futuro, resistindo por meio de “subterfúgios”:

Laura completou ali vinte e um anos, após dois anos de exílio. **Nesse dia teve a sensação de uma brusca mudança na sua vida. Foi como se tivesse aberto uma porta e visse outro panorama, algo que poderia mudar a sua vida de exilada.** Reviu em pensamento toda a sua vida desde os cinco anos por vezes muito sofrida, sem mãe, com pouco carinho, sem afeto, sempre errante e exilada, pois que em criança raras vezes a deixavam ir brincar com as colegas. Foi sempre preciso arranjar um subterfúgio. (AÍDA, 2005, p.59, grifo nosso)

A maturidade causou na personagem a sensação de uma brusca mudança em sua vida, iluminou seus pensamentos, ao que concerne em uma visão de mundo concreta, no desejo de que o sonho se construa acordado para determinada realidade, pois aos vinte anos, Laura estava no ápice de sua juventude, época privilegiada para dar guinadas em direção ao novo, o seu inconsciente encontrava-se entre o limiar do desvanecimento da vida de exilada, mas acima da soleira do despertar para um novo horizonte além daquele sítio.

No conto, *Maira da Luz* da coletânea **A Casa dos Mastros** de Orlanda Amarílis encontramos outro exemplo de esperança concreta representada pela protagonista. No mote que inicia o conto, a autora descreve as intenções da personagem, com olhos no futuro:

Se acaso perguntassem a Maira da Luz qual a sua premonição quanto ao futuro, ela responderia: “Vou ser médica. Vou usar uma bata branca como a da doutora Maria Francisca. Mandarei construir um hospital novo e uma maternidade. No hospital haverá raios x e ultravioletas; e ondas curtas. E a roupa da cama dos doentes será mudada todos os dias. Na sala de operações terei um bom anestesiologista e as melhores enfermeiras. E nenhum doente morrerá nas minhas mãos por incúria ou desleixo.” Estes eram os sonhos de Maira da Luz. (AMARÍLIS, 1989, p.117)

A entrada no liceu potencializa o sonho de ascensão social de Maira da Luz, ponto de partida rumo ao que havia desenhado para si: ser médica. A possibilidade de fechamento do liceu significa na vida da personagem o assassinato de seu sonho, porque em meio à sua realidade de pobreza, o estudo, de forma gratuita, era a única porta de saída para transformação econômica:

O liceu tinha sido encerrado, soube então, por ordem dos serviços centrais da metrópole. (...) À noite quando se meteu na cama viu tudo mais claro. E arrepiou-se. Arrepiou-se porque a sua vida iria parar. Ia tornar-se numa rapariga vulgar, uma rapariga qualquer, sem estudos. Os pais não tinham possibilidade de a mandar para a metrópole para continuar. Mas nem uma lágrima lhe assomou aos olhos. Não tinha jeito para chorar.

Passado este contratempo afinal, porque o liceu reabriu uma semana depois com novo nome, vivia preocupada, com uma espécie de terror de virem a encerrar o liceu outra vez. (AMARÍLIS, 1989, p.123)

Aluna dedicada, Maira da Luz não se intimidava pelas afrontas que sofria de Cesarina, colega do liceu, que a desprezava por ter conseguido um cargo na administração. Maira segue em frente ansiando pela formação que precisava para tornar-se médica decidida a lutar pelos seus sonhos.

Sobre este aspecto, Bloch (2005, p.89) refere o conceito de “sonhos diurnos” que ao contrário dos “sonhos noturnos” que se nutrem, geralmente, da vida impulsiva que ficou para trás, de *material imaginário* passado, quando não *arcaico* abrangem,

desde o sonho desperto do tipo cômodo, trivial, rude, fugaz, despropositado e paralisante, até o tipo responsável, engajado na causa com ações precisas e o tipo modelador da arte. Sobretudo, evidencia-se que o ato de devanear, diferentemente do sonho noturno habitual, pode ocasionalmente conter tutano e, em lugar da ociosidade e até da auto-enervação do sonho noturno, apresenta uma pulsão infatigável, a fim de que a antevisão também seja concretizada. (BLOCH, 2005, p.89)

Ao traçar uma meta para alcançar o seu objetivo, Maira da Luz apresenta essa pulsão infatigável a fim de concretizar o seu sonho. Segundo Bloch,

“o portador dos sonhos diurnos está pleno da vontade consciente para uma vida melhor, ainda que em graus diferenciados, e ressalta que o herói dos sonhos diurnos é sempre a própria pessoa adulta e não apenas reminiscências de um eu infantil maltratado, inclusive com complexos de inferioridade infantis como afirmou Freud”. (Ibidem, p.91-92).

Contudo, os sonhos de Maira da Luz foram alvo das adversidades da sociedade patriarcal cabo-verdiana; com a morte do pai, a mãe não possuía nenhuma fonte de renda e a evasão escolar foi inevitável: “No ano seguinte não pode matricular-se. A mãe não tinha pensão de sobrevivência, nada. Quase passavam fome em casa”. (AMARÍLIS, 1989, p.125)

É interessante observar que, mesmo cerceada no sonho de estudar, Maira da Luz busca uma nova alternativa, que abstrai em meio a um dos momentos de humilhação por Cesarina, que se vangloriava de seu novo emprego na administração:

Parada á porta, a vê-la ir pela rua adiante, Maira da Luz tomou a primeira resolução da sua vida. Cesarina afinal dera-lhe uma luz. (...) Tratou tudo em segredo. Arranjou documentos, falou com um, com outro. Arranjou um padrinho para ajudar. Teve de requerer mais documentação no liceu, certificado de bom comportamento e tudo o mais conforme lhe foram exigindo. Pediu dinheiro emprestado a uma vendedeira do pelourinho. Esta tinha o seu pé-de-meia porque ajudava muito os sobrinhos. Foi um contrato entre ambas. Ficaria de pagar-lhe um tanto por mês logo logo tivesse garantido emprego. (AMARÍLIS, 1989, p.125-126)

Quando a personagem ousa visualizar um novo horizonte em meio às condições desfavoráveis em que vive, ela é movida pelo sentimento de esperança em alcançar seus objetivos. Praticar ações no presente que rompam com a linearidade dos acontecimentos significa mover-se para um futuro planejado, mesmo que depois seu objetivo não venha a se concretizar.

O sonho diurno para Ernst Bloch é determinado por quatro características: o livre curso e o ego preservado, a melhoria do mundo e o seguir até o fim. Atentaremos para sua descrição do sonho desperto, que não dispõe de qualquer tipo de censura imposta por um ego moral, como acontece com o sonho noturno (BLOCH, 2005, p.91). Observamos que Maira da Luz é uma sonhadora ambiciosa, protagonista de seu futuro, deixa livre o curso de seus desejos, sem censuras, pensa, age e alça voo a fim de transpor os obstáculos que surgem em seu caminho.

Quanto às manifestações femininas, podemos perceber que os anseios da mãe são diferentes dos da filha; a primeira busca uma solução imediata para os impasses econômicos que a família vivencia, já a segunda nutre um olhar para além daquela realidade, embora a necessidade imediata se sobreponha aos sonhos. Na situação em que se encontravam qualquer fonte renda era bem vinda e comemorada pela mãe. Havia, portanto, um choque de interesses e objetivos:

Quando chegou a casa encontrou uma carta. Era um registro vindo da Praia. A mãe já tinha ido aos correios, tinha-o levantado e abrira a carta. Quem iria escrever uma carta registrada à sua filha? Com a folha a sacudir no ar, o semblante aberto, a mãe apertou-a de encontro a si.

“Maira, minha filha, já tens emprego. Vais como professora de posto de ensino para o Tarrafal de Monte Trigo.”

Chorava. Maira da Luz deixou-se abraçar. Sem alegria nenhuma. Nunca lhe passou pela cabeça ter de deixar Mindelo, o seu querido Mindelo. E, para mais, para ser professora de posto de ensino. Que fizera dos seus sonhos de menina? Quem lhe traçara o destino afinal? (AMARÍLIS, 1989, p.126)

Observamos que as dificuldades, a necessidade de sobrevivência impacta Maira da Luz, correspondendo ao desmoronamento de seus projetos diante da realidade emergente em garantir o sustento dela e de sua mãe. Ao questionar o que fizera de seus sonhos, se reconhece como autora de sua história, sendo golpeada por uma realidade desconcertante.

Bloch afirma que, enquanto o ser humano se encontrar em dificuldades, a sua existência tanto privada quanto pública será perpassada por sonhos diurnos, por sonhos de uma vida melhor que a que lhe coube até aquele momento (2005, p.15). Logo, haverá sempre uma chance para o recomeço, pois a esperança é constitutiva do ser humano, não como uma espécie de essência abstrata, mas na prática social daqueles que buscam modificar o estado de coisa vigente (VIEIRA, 2000, p.7).

O conto *Luna Cohen*, publicado na obra **Ilhéus dos Pássaros** (1983), de Orlanda Amarílis, refere-se ainda a questão da identidade nacional. Nuances da construção de uma identidade plural podem ser observada na narrativa. Luna Cohen, jovem ativista, politizada, pesquisadora PhD, viaja à Nigéria para encontrar-se com seu orientador Prof. Kahn: “Professor Kahn estava exuberante. Não bebia vinho todos os dias, era superior às suas posses, mas de vez em quando excedia-se, desforrava-se” (AMARÍLIS, 1983, p.56).

Ao contrário das personagens que apresentamos até agora Luna era cosmopolita, membro da elite cabo-verdiana representando outra classe de emigrantes, diferente da que executava tarefas subalternas: “Luna pensou na necessidade de ir ao cabelereiro. Não se adaptava a ter de lavar a cabeça em casa. Era um desconforto. Professor Khan, conhece um bom cabelereiro em Ibadan?” (AMARÍLIS, 1983, p.56).

Presume-se que o conto retrate o período do pós-independência e que Luna tenha sido uma das jovens ativistas que depositaram muitas expectativas na

melhoria do país após a saída do colonizador. Não sofria com privações de ordem econômica, sua condição de emigrada era uma escolha de cunho intelectual. Por sua vez, sofria em outro plano, o ideológico, pois apesar de circular em espaços diaspóricos elitizados, entendia que sua raiz identitária era cabo-verdiana, ancorada na cultura dos familiares e das ilhas:

Da Silva trazia um blusão e calças iguais. Jeans impecáveis. A camisa toda aberta. Um fio de ouro com um crucifixo. “Tudo bem, Luna?” “Sei lá.” Luna sorriu. “Olhe, venho de uma viagem de quase dois mil quilômetros. Trouxe imenso material para a minha tese de doutoramento.” “E você, que tal o seu trabalho, gosta?” “Sei lá.” Luna desabafa. “Não devo chegar a lado nenhum. Professor Kanh sempre a falar de Israel, Professor Grubber no mesmo. Você sabe, eu também sou judia, no entanto, mentalmente sou cabo-verdiana. Por vezes fico bloqueada com as conversas deles, compreende?” “Olhe uma coisa, Luna, faça o seu trabalho e não dê importância a isso. Eles masturbam-se com esse tema, esta a perceber? Não gosto nada destes bichos.” (AMARÍLIS, 1983, p.56)

Verificamos, na reflexão de Luna, o que afirma Stuart Hall:

não importa quão diferentes seus membros (nação) possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representa-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (2006, p.59).

A simbólica do milho e as frutas provenientes do arquipélago representam traços identitários de Luna:

A caminho de Ikeja lembrou-se do milho verde cozido. O carro voava. Dr. Odgi acompanhava-a. goiabas perdiam-se na berma da estrada. ‘Não gosta de goiabas, Dr. Odgi? São tão boas.’ Dr. Odgi tinha os olhos grandes, pareciam duas amêndoas. Sorriu. ‘Não comemos disso’. ‘O que?’ Luna admirou-se. ‘Não comem goiabas?’ Em Cabo Verde fazemos goiabada e comemos goiabas maduras. É tão bom! (AMARÍLIS, 1983, p. 62).

A distância física do arquipélago não é relevante para a identificação da personagem com a cultura nacional. Seu consciente mantém-se alerta aos costumes e tradições cabo-verdianos e que sua fala é permeada pela nostalgia e admiração das práticas sociais das ilhas. Sabemos que a culinária é uma prática do espaço social das mulheres cabo-verdianas, mesmo estando na diáspora e na passagem citada, observamos Luna se surpreende com a resposta do professor, reagindo com um tom de indignação à afirmação do Dr. Odgi.

Hall esclarece, quanto à identidade dos emigrados, que ela “surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (2006, p.39).

A vida de Luna na Nigéria girou em torno do campus universitário, e suas conversas com os professores a induziram a pensar sobre sua identidade e reconhecer que não importava o que os outros diziam, mas sim o que sentia:

“Foi boa esta experiência. Abriu-lhe os olhos. Nem para si já contam os pequenos problemas do professor Kahn, do professor Grüber, de Israel, sei lá. Problemas substitutos de outros, bolorentos, na média burguesia”. (AMARÍLIS, 1983, p.63).

O contato com a intransigência do professor Kahn provocou em Luna um conflito interno e depois uma certeza de seu pertencimento à nação cabo-verdiana. Schwarz (1986, p.106) sublinha que “uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade”. Orlanda compõe a personagem Luna como uma jovem esclarecida, que reconhece de onde veio, o meio em que circula e as causas que deve apoiar. A autora demonstra como o ‘eu’ se apresenta em diferentes situações sociais e como os conflitos entre esses diferentes papéis sociais são negociados. Na figura dos magnatas do petróleo evidencia-se o poder hegemônico, que manipula todos os outros indivíduos que não pertencem a essa classe:

O avião devia partir às seis da manhã. Dr. Odgi levou-a ao hotel para jantar e passar a noite. Parecia já estar na Europa. Até eles chegava o som de uma orquestra num dos salões. Era uma festa privada, uma festa de multinacionais, possivelmente um encontro de magnatas de petróleo. A Europa e o imperialismo ficavam para além daquela porta. Deste lado era a exploração. (AMARÍLIS, 1983, p.62).

A protagonista do conto demonstra que superou à tendência a subalternização do emigrante cabo-verdiano em terras europeias, transpondo o estigma da discriminação social. Reconhece o imperialismo e a realidade que ele constrói. Seu apego à identidade nacional dá-se de forma consciente como resistência às dificuldades que encontrou no espaço diaspórico. Seja por questões ideológicas ou de estética, Luna mantém seu pertencimento ao corpo político e étnico cabo-verdiano, compartilhando de seus signos comunitários:

Despiu a camisa de noite com nervosismo e atravessou nua a curta distância para a casa de banho. Um tanto alheada meteu-se debaixo do

chuveiro. Enquanto a água lhe escorria pelo corpo, morna lisa, Luna divagava. Quando aterrasse na Ilha do Sal tomaria a avioneta para S. Vicente, nunca tinha estado no aeroporto de S. Pedro. Mas ia jurar. Rodeada pelo mar de pedras de S. Pedro haveria de descortinar lá longe o ilhéu dos Pássaros. Ou não? Não importa. O ilhéu era a sentinela entre S. Vicente e Santo Antão. Mas ela nada receava. Tinha o passe e a senha. (AMARÍLIS, 1983, p.64)

Orlanda termina o conto com o desejo da personagem em visitar as ilhas. A mensagem de Luna é que não importa o quanto a diáspora possa oferecer inúmeros recursos, modernidade ou oportunidades de instrução, porém os caboverdianos encontram paz, tranquilidade e conforto quando alojados em sua pátria.

Assim, por meio da trajetória das personagens dos quatro contos analisados, podemos observar um aspecto em comum: o desejo pela mudança. Seja o grito de Violete exigindo respeito pelas mulheres enquanto sujeitos, seja o desejo de Laura em romper com um exílio forçado, seja a aspiração de Maira da Luz em se tornar médica ou a afirmação de uma identidade nacional por Luna Cohen, independentemente do espaço em que resida. Todos estes aspectos são impulsionados pela esperança de uma vida melhor.

O interior dessas mulheres apresenta-se permeado pela angústia e por uma inquietação com relação ao seu futuro, mas uma inquietação ativa revestida da prospecção do sonho. Como afirma Vieira, “quem anima a revolução humana é a esperança que o homem tem de um mundo melhor” (2000, p.05). Enfim, a esperança é o princípio pelo qual o homem supera subjetivamente o real, ultrapassando-o no momento que permite a tensão para o futuro.

4. Considerações finais

A ficção é único lugar — em termos epistemológicos — em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais a seres autônomos; de seres totalmente projetados por orações. E isso a tal ponto que os grandes autores, levando a ficção ficticiamente às suas últimas consequências, refazem o mistério do ser humano, através da apresentação de aspectos que produzem certa opalização e iridescência, e reconstituem, em certa medida, a opacidade da pessoa real.

Anatol Rosenfeld

No decorrer deste estudo sobre as personagens femininas de Orlanda Amarílis e Ivone Aída, procuramos evidenciar, apoiada por reflexões como a de Rosenfeld, as batalhas que as mulheres cabo-verdianas na ilha e na diáspora travam em seu cotidiano, para vencer as situações sociais que as restringem, dissipando preconceitos e obstáculos muitas vezes interiorizados a partir da ordem patriarcal, rumo à construção de uma felicidade real e duradoura.

Identificamos no despertar das personagens construídas por Orlanda Amarílis e Ivone Aída o potencial literário que as capacitou, como intelectuais e mulheres, a transfigurar os seus próprios cotidianos e suas trajetórias bem diversas (uma na diáspora portuguesa e outra nas ilhas de Cabo Verde) nas vidas fictícias de personagens que representam a vida das mulheres cabo-verdianas espalhadas pelo mundo. Em suas obras, o poder da palavra literária tem a função de, como propõe Anatol Rosenfeld, “opalizar e iridescer” (ROSENFELD, 1970, p. 26), enfim, destacar e matizar as experiências femininas, colocando-as sob focos que as iluminam e submetem à reflexão:

É precisamente o modo pelo qual o autor dirige o nosso “olhar”, através de aspectos selecionados de certas situações de aparência física e do comportamento — sintomáticos de certos estados ou processos psíquicos — ou diretamente através de aspectos da intimidade das personagens — tudo isso de tal modo que também as zonas indeterminadas começam a “funcionar” — é precisamente através de todos esses e outros recursos que o autor torna a personagem até certo ponto de novo inesgotável e insondável (ROSENFELD, 1970, p. 27).

Vivenciando durante muitos anos a realidade da diáspora portuguesa, Orlanda Amarílis ampliou sua visão sobre a formação identitária de seu povo em contato com outras culturas, imprimindo em suas narrativas as marcas das experiências vividas pelas mulheres cabo-verdianas migrantes.

Por meio do conto, enquanto gênero textual, a autora vasculha a micro-história dos cotidianos de suas personagens femininas diante da realidade diaspórica, que se reparte entre a submissão e a micro-resistência. Por meio da tensão evidenciada na narrativa orlandina, observamos a difícil negociação entre os anseios das mulheres emigradas (e já em processo de adaptação à metrópole que se moderniza) e os valores patriarcais vigentes no espaço de pertencimento, acrescidos da carga colonizatória que duplica os mecanismos de dominação.

Os contos de Ivone Aída, entretanto, plantados no cenário social das ilhas, evidenciam o dia a dia das mulheres no chão do campo (em cenas perpassadas pela oralidade e pelo crivo da contadora de estórias) ou nas cidades crioulas, eivado de sentimentos como lamentação, resignação, nostalgia e indignação face às restrições impostas por uma sociedade ainda conservadora e androcêntrica.

Julio Cortázar enfatiza que o conto, enquanto gênero textual, é uma verdadeira máquina literária de criar interesse (2008, p.122-123). Nas produções literárias das autoras, o conto converte-se também em um veículo literário que irradia consequências para além do campo literário, pois estabelece uma ponte entre a ficção e o tecido social que acaba por iluminar e ampliar o zoom sobre as subjetividades femininas, dando relevo às posições ocupadas e situações vividas pelas mulheres na sociedade cabo-verdiana plantada no arquipélago ou diasporizada.

O cotidiano visto pelo prisma da nossa contemporaneidade, enquanto espaço de resistência ao processo de dominação, define um campo social de múltiplas intersecções de fatores que contribuem decisivamente para transcender categorias e polaridades ideológicas que obstaculizam a promoção feminina, como esclarece Maria Odila Dias (DIAS, 1994, p.382). Desta maneira, a rotina diária ou a hermenêutica dos cotidianos femininos, observada do ponto de vista das mulheres, foi por nós tomada, no interior dos textos literários, como importante fio condutor para análise da situação social das mulheres em Cabo Verde e na diáspora.

Acerca das transformações dos cotidianos femininos das personagens, verificamos que a construção de uma felicidade genuína para si e para os demais ao seu redor implicou necessariamente o combate às ideologias e às crenças que as submetiam à esfera do sofrimento diário, das práticas sociais privadas, da violência e da não-ação/ou ação não qualificada, segundo os ditames patriarcais. Buscamos evidenciar que, quando soltavam a voz (venciam o silêncio ou o usavam como linguagem de resistência) ou refletiam sobre seus sentimentos e desejos, estavam partindo rumo à emancipação enquanto sujeitos de direitos, impulsionadas por esperanças concretas, como propõe Bloch.

Percebemos ainda que as autoras operam a inclusão das mulheres na sociedade numa perspectiva compartilhada da relação de gênero. Por meio da historização de suas experiências sociais, tornam as experiências das mulheres visíveis, como participantes ativas dentro da sociedade, ao lado dos homens.

Considerando, com Foucault, que “não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; [e que] toda relação de poder implica, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta” (1995, p. 248), objetivamos dar destaque ao modo como os textos literários com alto teor de concentração, como os contos, permitem dar realce às personagens femininas como ficções simbólicas da resistência aos estereótipos universais atribuídos às identidades femininas.

Pretendemos dar a perceber que, enquanto sujeitos livres, mas face às relações de poder marcadamente masculinas, decorrentes das sociedades patriarcais portuguesa ou insular em que estão inseridas, as personagens femininas protagonizam ações cotidianas que se postulam como resistências ao seu não reconhecimento social e político.

A necessária emancipação das mulheres cabo-verdianas emigradas ou cidadãs do arquipélago envolve a inter-relação dos fatores econômicos, políticos, sociais e educacionais que podem expressar-se como esperança concreta que constitui uma trilha de possibilidades de realização de potencialidades latentes e utópicas ou metas já traçadas no campo da memória racional e social.

A obra de Ernst Bloch, nesse sentido, ofereceu-nos perspectivas favoráveis à análise dos processos de resistência operados pelas mulheres cabo-verdianas

em seu dia a dia como um instrumento válido para a reflexão dialética sobre o que podem transformar. O princípio esperança visa, segundo o pesquisador, destacar a importância da imaginação revolucionária de forma materialista e dialética (VIEIRA, 2000, p.8) e, nos textos literários de Orlanda Amarílis e Ivone Aída, irmãs de sangue que vivem em espaços cabo-verdianos bem diversos, buscamos evidenciar como esse princípio esperança, de forma concreta, aponta novos caminhos a trilhar na trajetória das mulheres cabo-verdianas, sobretudo no pós-independência.

Tratando a questão das identidades, Stuart Hall também contribuiu para a compreensão da ideia de identidade cultural, que permeia a percepção do lugar de pertencimento cabo-verdiano dessas mulheres:

As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdade e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para 'costurar' as diferenças numa única identidade (HALL, 2006, p.65).

Neste sentido, concluímos que as trajetórias existenciais e sociais de Orlanda Amarílis e Ivone Aída foram decisivas para a criação de suas personagens de ficção, pois concederam um cunho de materialidade social ao processo de construção das subjetividades femininas e deram visibilidade à importância de suas ações singulares, mesmo as consideradas de pouca projeção, na construção da identidade nacional.

Concluimos, em coro com Anatol Rosenfeld, que

a grande obra-de-arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, [...]vivendo situações exemplares de um modo exemplar. [...] Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. Estes aspectos profundos [...] revelam-se, como num momento de iluminação, na plena concreção do ser humano individual. São momentos supremos, à sua maneira perfeitos, que a vida empírica, no seu fluir cinzento e cotidiano, geralmente não apresenta de um modo tão nítido e coerente (ROSENFELD, 1970, p. 38).

Centrando-se na dinâmica das personagens femininas, a ficção de Orlanda Amarílis e de Ivone Aída cumpre, com sua densidade, a função da literatura

atribuída por Ernst Cassirer (apud ROSENFELD, 1970, p. 49): afasta-se da realidade, pela via do imaginário e eleva-se a um mundo simbólico para, afinal, voltar à realidade, apreendendo-lhe melhor a riqueza e a profundidade.

5. Referências Bibliográficas

AlÍDA, Ivone. **Vidas Vividas**. Mindelo: OMCV, 1990.

_____. **A Exilada**. Mindelo: Gráfica do Mindelo, 2005.

AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.

ALMADA, José Luís Hopffer. IN: VEIGA, Manuel. **Cabo Verde: Insularidade e literatura**. Paris: Karthala, 1998.

AMARÍLIS, Orlanda. **Cais-do Sodré te Salamansa**. Coimbra, Centelha, 1974

_____. **Ilhéu dos Pássaros**. Lisboa: Plátano, 1983.

_____. **A casa dos Mestros**. Lisboa: Edições ALAC – Coleção Africana, 1989.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990

BAUMAN, Zygmunt. **Por uma sociologia crítica: um ensaio sobre o senso comum e emancipação**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1977.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sergio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança I**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj Contraponto, 2005.

CABRAL, Amílcar. **A arma de teoria: unidade e luta**. Lisboa: Terra Nova, 1976.

CARLOS, Sueli Alves. **Identidade, Memória e Gênero nas obras literárias de Orlanda Amarílis e Clarice Lispector**. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras. 2010.

CARREIRA, Antônio. **Classes sociais, estruturas familiares e emigração em Cabo Verde**. Lisboa: Ulmeiro, 1977

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar/** Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer/** Michel de Certeau; 13. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CORTÁZAR, Júlio. **Valise de Cronópio**. Trad. Davi Arriguet Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2008.

COUTINHO, Maria Lucia Rocha. **Tecendo por detrás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. "Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças". **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: CIEC – Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos, 1994, p. 373-382.

_____. "Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea". **Projeto Historia**. São Paulo, 17 de novembro de 1998. P.223-258.

FRIEDMANN, John. **Empowerment**. Oeiras: Celta, 1996.

GIUFFRÈ, Martina. Mulheres que ficam e mulheres que migram: dinâmicas duma relação complexa na ilha de Santo Antão (Cabo Verde). IN: GRASSI, Marzia & ÉVORA, Iolanda (org.). **Gênero e migrações cabo-verdianas**. Lisboa: ICS – Universidade de Lisboa, 2007.

GOMES, Simone Caputo. **Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe**. Praia: ICLD, 1993. Coleção tese.

_____. **Nhô Baltas e o Brasil: a proximidade de dois mundos irmãos**. Paris: Latitudes, cahiers lusophones, 30, septembre 2007, p. 45-48.

_____. **Cabo Verde: literatura em chão de cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial; UNEMAT; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006.

GRASSI, Marzia, ÉVORA, Iolanda, org. **Gênero e Migrações Cabo-Verdianas**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

_____. **Rabidantes: comércio espontâneo transnacional em Cabo Verde**. Praia: ICS- Spleen Edições, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

IKEDA, Daisaku. **365 dias: frases para mulheres**. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2008.

LOBO, Andréa de Souza. **Um filho para duas mães?: Notas sobre a maternidade em Cabo Verde**. Rev. Antropol. [online]. 2010, vol.53, n.1, pp. 117-145. ISSN 0034-7701.

LOPES FILHO, João. **Retalhos do cotidiano**. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

MENDES, J. M. "O desafio das identidades". In. SANTOS, B.S. (org). A globalização e as ciências sociais. São Paulo: Cortez, 2002. p. 285-92.

MONTEIRO, Eurídice Furtado. **Mulheres, democracia e desafios: uma análise da participação política das mulheres em Cabo Verde**. Praia: UNICV – ICIEG, 2009.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PEREIRA, Érica Antunes. **De missangas e catanas: a construção social do sujeito feminino em poemas angolanos, cabo-verdianos, moçambicanos e são-tomenses** (análise de obras de Alda Espírito Santo, Alda Lara, Conceição Lima, Noémia de Sousa, Paula Tavares e Vera Duarte). / Érica Antunes Pereira; orientador: Tania Celestino Macêdo. – São Paulo, 2010.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História – operários, mulheres, prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

QUEIROZ, Sonia Maria Alves de. **Literatura e representação das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras**/ Sonia Maria Alves de Queiroz; Orientadora Simone Caputo Gomes. – São Paulo, 2010.

ROCHA-COUTINHO, Maria L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROSENFELD, Anatol et alii. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

SALÚSTIO, Dina. **Insularidade na literatura cabo-verdiana**. IN: VEIGA, Manuel (org.). Cabo Verde: insularidade e literatura. Paris: Karthala, 1998. P. 33-44.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas- História & Antologia**. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Africanidade**. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Sonia Maria. **Experiências femininas no quotidiano crioulo**, In: Críticas e Ensaio, publicação da União dos Escritores Angolanos, 2009.

SIMON, Luiz Carlos Santos. **O conto e o pós-modernismo: recorte, velocidade e intensidade**. www.revistainvestigacoes.com.br, vol. 20, nº1. São Paulo: UNESP, 2007.

SOIHET, Rachel. **“História, Mulheres, Gênero: contribuições para um debate”**. In: AGUIAR, Neuma. Gênero e Ciências Humanas. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997.

TUTIKIAN, Jane. **Olhares Inquietos: a construção do processo de identidade nacional nas obras de Lúcia Jorge e Orlanda Amarílis**. - São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

VEIGA, Manuel (coord.), **Cabo Verde, Insularidade e literatura**. Paris: Karthala, 1998. Pp.5-14 e 32-208.

Webgrafia:

Amar Cabo Verde. **Arquivo**. <http://www.simonecaputogomes.com> – Acesso em 12/01/11.

<http://www.familiafernandes.net/ivoneinterview.html> - Acesso em 13/03/2010.

Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde - <http://www.ine.cv/> - Acesso em 27/03/11.

MACHADO, Carlos Jordão. **Sonhos diurnos e geografia – sobre O principio esperança de Ernst Bloch**. In: Trans/Form/Ação vol. 31, nº 01, Marília, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010131732008000100012&script=sci_arttext Acesso em: 03/02/2011.

Observatório da Emigração-
<http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/paises.html?id=52>
-Acesso em 10/04/11.

VIEIRA, Antônio Rufino. **Princípio esperança e a “herança intacta do marxismo” em Ernst Bloch**. In: Anais do 5º Colóquio Internacional Marx-Engels. Campinas: CEMARX/Unicamp. Disponível em: [www.unicamp.br / cemarx_v_coloquio_arquivos_arquivos / comunicacoes/ gt1/sessao6/Antonio_Rufino.pdf](http://www.unicamp.br/cemarx_v_coloquio_arquivos_arquivos/comunicacoes/gt1/sessao6/Antonio_Rufino.pdf) - Acesso em 03/02/2011.